

QUEM ÉS TU QUE PREENCHES O MEU CORAÇÃO COM TUA AUSÊNCIA?

(P. Lagerkvist)

Meditações e testemunhos durante
o Tríduo Pascal de Gioventù Studentesca

Rimini, 29-31 de março de 2018

Mensagem de saudação, de Julián Carrón

31 de março de 2018

Caros amigos,
não consigo pensar em vocês sem me comover, identificando-me com o momento tão belo e dramático que vocês estão atravessando nessa idade. Como gostaria de estar perto de vocês!

É um período em que vem à tona «o mistério eterno do nosso ser» de que fala Leopardi.
Sei que às vezes o aparecimento nas suas vidas desse grande mistério os desconcerta, de tanto que se sobressai por todos os lados, de tanto que é imenso, a ponto de não conseguirem dominá-lo.

«Quem és tu que preenches o meu coração com tua ausência?», diz Lagerkvist.

Mas é justamente a possibilidade de perceber essa ausência, esse “mistério do nosso ser”, o recurso mais importante que vocês receberam, como um presente dado à sua natureza de homens: o detector para descobrir o que responde realmente à espera de vocês. Ernesto Sabato entendeu bem: «A nostalgia desse absoluto é como um pano de fundo, invisível, incognoscível, mas com o qual medimos toda a vida».

Sempre fico impressionado quando penso que Jesus apostou tudo no coração dos dois primeiros que encontrou nas margens do Jordão, no coração como critério de juízo: «Vinde e vede».

Falando-lhes assim, Jesus reconhece que tinham a capacidade de interceptar o que respondia ao desejo ilimitado de felicidade deles, tornando-os conscientes da própria dignidade.

Ao mesmo tempo, colocou-os perante um desafio sem comparações: não podiam blefar. Nem com o coração deles, nem com o que lhes corresponde, uma vez encontrado.

Convidando-os a ir com Ele, ofereceu a João e André a possibilidade de descobrirem o alcance da Sua amizade, tão decisiva para alcançarem a felicidade que procuravam, sem substituir-Se à liberdade deles. Aliás, desafiando-a como ninguém mais poderia ter feito, de tanto que a atração da Sua presença encurralava o coração deles.

Desafio-os a encontrar uma aventura mais fascinante do que esta!

Feliz Páscoa

Seu companheiro de caminho Julián

Introdução, Pigi Banna
29 de março, quinta-feira à noite

**«Para que a minha alegria esteja em vós,
e a vossa alegria seja completa» (Jo 15,11)**

Quanto nos falta, quanto desejamos a experiência de ser realmente amados, de ser preferidos, únicos aos olhos de alguém! Quando Maria, uma menina da idade de vocês, recebeu o anúncio do anjo que lhe disse: «Tu serás a mãe de Deus»,¹ ela se sentiu escolhida, como ninguém mais no mundo.

Daquele momento em diante, ninguém mais era tão amigo seu, nem mesmo sua mãe ou José, seu noivo. Um “Desconhecido” era o seu amigo. «É meu amigo um desconhecido», alguém que ela tinha acabado de encontrar, mas que já estava revolucionando toda a sua vida por causa daquele olhar de preferência que tinha preenchido seu coração. Seu coração estava cheio de saudades: «Por ele o meu coração está cheio de saudades». Queria vê-lo. «Quem és tu que preenches o meu coração com tua ausência?»²

Peçamos que cada um de nós faça nestes dias a experiência de sentir-se único aos olhos de alguém, de modo que o nosso coração fique cheio de saudades desse nosso Amigo Desconhecido que nos conhece melhor do que nós mesmos, como foi com Maria.

Angelus

«De que é falta esta falta?» (M. Luzi)

«De que é falta esta falta, / coração, / que num repente dela / ficas cheio?», escreveu o poeta Mario Luzi.³ Todo dia nos atarefamos com mil coisas, de compromisso em compromisso, entre a escola, o tempo livre, os encontros, e mesmo assim, quando menos esperamos, de repente, o coração faz ouvir a sua voz: ainda falta algo. Mesmo quando conseguimos completar o *check-list* das coisas que tínhamos programado para fazer a fim de ter uma vida boa (e só poucas vezes conseguimos), quando parece que temos tudo, ainda falta algo. Quem de nós nunca fez esta experiência? Muitos de vocês escreveram isso nas suas contribuições. Leio uma:

«A pergunta do título do Tríduo é bem acertada, porque este tem sido um período muito cheio, bonito. Então estou muito bem. A escola está bem, eu gosto, me apaixona, vejo até os resultados deste trabalho. Comecei a estudar canto e estou aprendendo a tocar. Estas são as coisas que eu prefiro fazer e que faço melhor. Com os amigos tem sido cada vez mais uma descoberta, e consigo compartilhar as dificuldades do estudo; enfim, tudo perfeito.

No entanto, quando estou sozinha, quando chego à noite e todas essas coisas passaram, parece que eu quase não as vivi, por causa daquele “nada”, daquele mistério que fica dentro de mim. Com o que é que o preencho, se nem as coisas mais concretas parecem conseguir me dar satisfação?»

Pode acontecer na volta do sábado à noite, ou no domingo de manhã, quando não conseguimos levantar da cama, porque sentimos um estranho amargo em nós; bem no meio de uma festa, ou durante um período de estudos muito intenso: aparentemente tudo está bem, no entanto há algo de errado; não fora de nós, mas em nós. Tomada por uma sensação de vazio desgastante e pesado, a pessoa não consegue entender o que é, não consegue lidar com essa coisa que tem em si.

¹ Cfr. Lc 1,29-33.

² P. Lagerkvist, “Uno sconosciuto è il mio amico”, do livrinho com os textos utilizados durante o Tríduo de GS (doravante *Livrinho*, somente em italiano), p. 4. As citações de obras publicadas no Brasil serão aqui apresentadas com as referências nacionais, mesmo se estiverem no *Livrinho*.

³ M. Luzi, “Sotto specie umana”, in *Livrinho*, pp. 5-6.

Jovanotti o descreve na canção *Sbagliato* [Errado]: «Pastores errantes [...], / errados / desorientados / desde o dia em que nos jogaram / nesta terra onde se consome / a nossa breve vida feito espuma».⁴ Errados: é assim que nos sentimos quando percebemos este algo de errado; errados, porque nos parece que só nós é que temos, no nosso coração, esse “defeito de fábrica”. Como canta De Gregori: «Pobre de mim! [...] / Olho ao meu redor e todos são melhores do que eu».⁵ Vocês deveriam ler as contribuições uma a uma, que falam justamente dessa falta! Não é só você quem a tem, amigo: cinco mil pessoas estão aqui hoje porque a têm. Não deve ser uma coisa errada, se também todos os poetas, os escritores, os cantores, que vocês podem encontrar no livrinho, falam dela. Essa falta não é um incômodo de alguém, mas é o problema da vida. Digo mais: é o que dá dignidade à vida.⁶

Fizemos o sacrifício de vir aqui – e estou feliz em ver tantos amigos assim, dou as boas vindas – para termos um lugar no qual poder olhar, não como a uma doença, para essa sensação de vazio, de falta que nos assalta quando menos esperamos, que nos torna tão incompreensíveis, e mesmo assim tão únicos; que às vezes nos faz sentir sozinhos, mas que na verdade nos une a todos de uma maneira mais profunda.

Vamos cantar *La ballata dell'uomo vecchio*:⁷ sem medo e sem vergonha, mandemos embora toda a tristeza que há em nós, o amor do que não somos capazes, o desejo – que parece impossível – de ver a Deus e lhe “dizer poucas e boas”. Não é uma doença, mas a verdade de nós.

Ballata dell'uomo vecchio

Antes só do que errados?

Por que nos sentimos errados quando sentimos esta falta? Por que ficamos incomodados com os nossos incômodos? Carrón disse aos universitários em novembro passado: «É como se esse incômodo se tornasse um peso que muitas vezes carregamos».⁸ Quando o peso da vergonha é forte demais, vem a tentação de nos isolarmos, para usar as palavras do poeta Ciampi: «A tentação / de sentar-se para nunca mais levantar»,⁹ como escreveu uma de vocês:

«Muitas vezes sinto que meu coração tem um buraco profundo, uma ausência impreenchível que desde sempre reprimo instintivamente.

Reprimo talvez por orgulho, talvez porque dou mais atenção à vida e aos problemas dos outros, em vez dos meus próprios; talvez porque as pessoas que me circundam sempre me viram como a forte, a que não tem problemas ou que, se os tem, acha a solução sem pedir ajuda a ninguém.

Mas a minha vida é toda o contrário. Quando no fim do dia eu repenso no que vivi durante o dia, a única coisa que consigo fazer é começar a chorar. Choro, porque esta ausência que sinto e reprimo se torna cada vez mais forte. Quanto mais a reprimo, mais a sinto. Esta ausência corresponde ao meu desejo de ser aceita pelas pessoas que me circundam, com quem cresci nestes anos.»

Por que esta amiga chora? Porque não pode reprimir totalmente essa sensação de vazio; quanto mais tenta reprimi-la, mais a sente. Mas por que tentamos reprimi-la? Por que a sentimos como uma vergonha? Ela o diz: antes de tudo, pela fixação que temos em agradar aos outros. Somos levados a esconder o aspecto mais frágil de nós, porque tememos que, se os outros descobrissem que à noite, a portas fechadas, caímos no

⁴ Jovanotti, “Sbagliato”, in *Livrinho*, pp. 4-5.

⁵ F. De Gregori, “Povero me”, in *Livrinho*, p. 5.

⁶ Cf. L. Giussani, *Appartenere a Cristo oggi*: «A nossa vida não tem dignidade se, em si, não carregar este grito: temos de viver para responder a este grito», in *Livrinho*, p. 6.

⁷ C. Chieffo, “Ballata dell'uomo vecchio”. In: *Cantos*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2015, p. 324.

⁸ J. Carrón, *Fu guardato e allora vide*, in *Livrinho*, p. 9.

⁹ P. Ciampi, “L'assenza è un assedio”, in *Livrinho*, p. 7.

choro, eles nos abandonariam. Não só decepcionamos as expectativas deles, eles nos deixariam sozinhos. Nós crescemos com este caruncho: temos de agradar aos outros, temos de ser aceitos pelos outros.

Um de vocês me escreveu que os pais, durante uma discussão, o ameaçaram: «Se você não mudar, nós vamos te abandonar!» Mas a mesma situação pode ocorrer com os amigos. Não dizem explicitamente, mas, se você afirmar certas coisas, se vestir certas roupas, é como se o olhar deles dissesse: «Assim você nos faz passar vergonha, você não é dos nossos; se não estiver à nossa altura, deixamos você». A propósito de não corresponder às expectativas, abro e encerro aqui o capítulo “professores”: se você não passa na prova, se não vai bem na prova oral, «sinto muito, você não está à altura da nossa classe, da nossa escola», dizem. E assim a pessoa acha que sempre tem de estar à altura dos outros, das expectativas dos outros. Ficamos como que enterrados vivos dentro das imagens de perfeição que os adultos e os amigos projetam em nós. Você não pode errar, não pode ser frágil. Se tem um problema – como dizia a nossa amiga –, deve resolvê-lo sozinho, porque um amigo bom, um filho bom, um estudante bom é aquele que não dá trabalho, que não incomoda. Se você faz perguntas, «nos faz perder tempo, estraga o dia».

Mas, como dizia a nossa amiga, o nosso coração não pode enganar; quanto mais reprime essa exigência, mais a sente. Então o que fazemos? Quando não conseguimos resolver sozinhos essa sensação de vazio que temos, quando nos envergonhamos em falar dela com os amigos por acharmos que seríamos rejeitados, o que fazemos? O que normalmente fazemos? Nós nos isolamos. Em vez de nos sentirmos errados aos olhos dos outros, nos isolamos, imaginando que mais cedo ou mais tarde esse “momento negativo” passe, esperando, como disse Balzac, em uma «vida apagada e cinzenta, na qual os sentimentos fortes demais eram desgraças e na qual a ausência de qualquer emoção era uma felicidade».¹⁰

Este é o grande risco de hoje. Assim, depois de termos respondido formalmente a todos dizendo que estamos bem, que estamos nos virando; depois de termos mostrado a todos o melhor perfil, como se vivêssemos numa rede social, nos fechamos em nós mesmos esperando que passe, quase como se pudéssemos bloquear todos os contatos com a realidade, assim como se bloqueiam os contatos do *WhatsApp*. Tentamos construir um muro à nossa volta, como uma amiga nossa descreve:

«Quando acredito que dei uma resposta a qualquer pergunta, ela sempre volta [volta sempre! Quanto mais a reprimir, mais vai voltar] e a busca deve recomeçar. Estou cheia. Tudo aqui.

Ao meu redor construí um muro invisível meio mal feito, construído por mim mesma toda vez que me é útil uma barreira que de vez em quando se desmorona e depois é reconstruída, mas a cada vez com mais rachaduras. Esse muro que isola a maior parte das coisas ao meu redor deixa entrar só de vez em quando algum som, por aquelas pequenas rachaduras.»

Nós estamos aqui esta noite para desmascarar algumas mentiras. A primeira diz respeito à inutilidade do isolamento. Cada um de vocês pense consigo mesmo: depois de terem construído esse muro, depois de terem bloqueado os contatos, depois de se terem isolado, vocês resolveram o problema? A falta foi embora? O vazio desapareceu? Não; de fato, mais cedo ou mais tarde voltam. Isolar-se não adianta de nada, e por isso vocês fizeram bem em não se isolar durante estas férias, fazendo o sacrifício de virem aqui.

Mas depois, quem se isola, é mesmo mais maduro, mais livre? Não! Pelo contrário, como nos diz Dom Giussani: «O homem está *sozinho*, e portanto [se torna] *dominável*; [...] prisioneiro de quem de qualquer maneira se apresenta mais forte do que ele».¹¹ Todos acham que pensam com a própria cabeça ao se isolarem, mas depois – se vocês pensarem bem – todos se vestem do mesmo jeito, todos pensam do mesmo jeito. Os sozinhos, «tristes, frágeis e deprimidos [...] têm o orgulho / de bastar-se a si mesmos»,¹² escreve Gaber; acreditam que assim vão resolver os problemas, mas no fim acabam por pensar como todos. Quem acha que é original ao isolar-se é como um homem a quem «quebraram os braços e as pernas», como diz Saint-Exupéry, que se crê livre para poder caminhar, mas assim «se torna [apenas] gado manso, educado e

¹⁰ H. de Balzac, *Il curato di Tours*, in *Livrinho*, p. 7.

¹¹ L. Giussani, *Appartenere a Cristo oggi*, in *Livrinho*, p. 7.

¹² G. Gaber, “I soli”, in *Livrinho*, p. 8.

tranquilo».¹³ A pessoa acha que isolando-se se torna mais livre, mas na verdade se torna apenas mais escravo. Esta é a primeira grande mentira. O preço do isolamento não é a liberdade, mas a escravidão.

Há um homem na história que nos lembrará para sempre a mentira do isolamento, um homem que se isolou e acabou por pensar como todos os outros. Trata-se de Judas, cuja traição ao seu melhor amigo, Jesus, nós relembramos hoje. Não entendendo o comportamento de Jesus, em vez de perguntar isolou-se, afastou-se e poucas horas depois passou a pensar como todos os inimigos d'Ele, até o ponto de vendê-Lo por algumas moedas. Eis o preço amargo do isolamento: perder, trair o que temos de mais caro na vida. Fiquemos de pé e escutemos a descrição da traição de Judas.¹⁴

Escutemos *Amicus meus*. «Meu amigo, com um beijo me trais. / [...] / Teria sido melhor para ele se aquele homem nunca tivesse nascido. / O infeliz deixou cair o preço do sangue / e foi enforcar-se.»¹⁵ Não foi um canto escrito ontem, expressa uma sensibilidade musical diferente da nossa, mas tem a força de não nos deixar ficar na crista da onda dos sentimentos; vocês vão ouvir como cada palavra é pontuada: é como uma batida de martelo na superficialidade com que nos tratamos, que nos faz retomar o contato com a verdade de nós mesmos. Meu amigo, por que você se isola? Sentemo-nos e escutemos.

Amicus meus

«De que vale a vida, senão para ser dada?» (P. Claudel)

Vocês ouviram como ressoava a palavra «infeliz»? Quem se isola, como Judas, não só trai, mas no fim é infeliz. É infeliz porque não pode enganar por tempo demais o seu coração. Como o Papa disse, «o coração não pode ser editado no Photoshop»:¹⁶ quanto mais o reprimo, mas faz ouvir a sua voz. Há um contato que nunca poderá ser bloqueado: aquele com nós mesmos, com o mistério que somos. Judas olha para aquele monte de dinheiro e pensa: «O que é que eu fui fazer?!». Há um coração que, mesmo quando você erra, funciona bem, que não está errado!

Além disso, há uma segunda mentira que se insinua na nossa forma de raciocinar: achar que somos errados, porque temos um problema que não conseguimos resolver com as nossas forças. Nós somos levados a acreditar que uma pessoa é boa, não é errada, quando sabe responde sozinha às suas necessidades, quando sabe pôr tudo em ordem sozinha. Sabem quem sabe fazer isso? Os animais, que sabem resolver sozinhos os seus problemas; de fato, não se fazem perguntas, vivem e basta. Há em nós, porém, algo maior. A grandeza do homem, a dignidade do homem está no fato de que há problemas dentro de nós que não sabemos resolver sozinhos. E isto não é um sinal de derrota.

Até o meu cachorro sabe resolver sozinho muitos problemas, é de uma raça especial, muito inteligente. Não é por acaso que se chama Aristóteles, “Ari” para os amigos: distingue muitos nomes, faz exercícios de inteligência, chamados *problem solving*. Sabe fazer coisas incríveis: você lhe dá um triângulo e ele sabe colocá-lo dentro de outro triângulo, o círculo dentro do círculo, e toda vez você tem de premiá-lo com o que em casa chamamos de “salsichinha”, ou seja, uma pequena salsicha, e assim ele prossegue resolvendo os problemas. Entendem que nós podemos tratar a nossa vida como à do meu cachorro? Tenho uma prova para fazer, resolvo o problema e recebo um prêmio: «Pai, a viagem; pai, o passeio». Faço um serviço em casa: espero um prêmio. Conquisto minha namorada: tenho de receber um prêmio. E em Deus também pensamos como num *problem solving* da nossa falta. Vocês se são conta de que assim nos tratamos como cachorros? Não só nos tratamos assim, mas também nos deixamos tratar assim.

¹³ A. de Saint-Exupéry, “Un senso alla vita”, in *Livrinho*, p. 7.

¹⁴ Mt 26,20-25: «Ao anoitecer, Jesus se pôs à mesa com os Doze. Enquanto comiam, ele disse: “Em verdade vos digo, um de vós me vai entregar”. Eles ficaram muito tristes e, um por um, começaram a perguntar-lhe: “Acaso sou eu, Senhor?” Ele respondeu: “Aquele que se serviu comigo do prato é que vai me entregar. O Filho do Homem se vai, conforme está escrito a seu respeito. Ai, porém daquele por quem o Filho do Homem é entregue! Melhor seria que tal homem nunca tivesse nascido!” Então Judas, o traidor, perguntou: “Mestre, serei eu?” Jesus lhe respondeu: “Tu o dizes”».

¹⁵ T. L. De Victoria, “Amicus Meus”, in *Livrinho*, pp. 9-10.

¹⁶ Francisco, *Angelus*, 21 de janeiro de 2018.

Mas há algo em nós que não conseguimos resolver como os cachorros. O coração humano tem algo que não se deixa resolver pelas nossas soluções. Esta é uma fraqueza, ou será que é a maior coisa que cada um de nós tem e que nos diferencia dos cachorros? A segunda mentira, portanto, é nos sentirmos errados porque pretendemos conseguir resolver por nós mesmos esse vazio, conseguir encontrar uma solução para os nossos problemas, sem nos darmos conta de que a maior coisa (não a coisa mais errada!) é justamente o fato de termos esses problemas, como dizia uma garota a um amigo meu durante a aula de religião, deixando a todos sem palavras: «Professor, você pode achar que é um fracassado porque não consegue fazer algo, porque a vida não é como você queria, mas o fato é que, enquanto pensa e diz isso, você é algo, você é!», ou seja, você é maior do que as suas derrotas. Você é algo que não sabe, que mistério você é!

A saudade que sentimos em nós, mais do que ser um peso do qual nos envergonhamos por não encontrarmos a solução, é a força da vida, o que nos distingue dos cachorros, o que nos permite não nos contentar. Quem responde? O problema, como Jacqui Treco diz em *Be still, my heart*, é se nós transformamos em pedido a coisa que não conseguimos resolver, se não a olhamos como para um “azar”, mas como para a coisa mais preciosa que temos. Porque, se você ficar parado, é verdade que assim não vai queimar, vai sentir um pouco menos de dor; mas, se ficar parado, nunca vai saber completamente por que está queimando.¹⁷ A jornalista Marina Corradi descreve magnificamente como descobriu que esse vazio, essa ferida que tinha dentro, na verdade era a maior coisa da sua vida:

*«Desde a adolescência, e talvez até antes, eu sempre tive a ideia de ter nascido com algo de errado. Algo que não funcionava como deveria, como se eu tivesse sido uma casa e aquele erro uma rachadura profunda numa parede de carga; como se eu tivesse sido uma barragem, e aquele erro uma falha pela qual a água podia penetrar. Parecia que os meus amigos não tinham aquela rachadura neles, ou então que não devíamos falar dela, que devíamos mostrar-nos serenos, positivos, vencedores ou talvez até irritados, mas só com a sociedade, o Estado e a ordem constituída, ou seja, para com algo de exterior. Eu, no entanto, não estava brava com o mundo [...]. Estava em mim, aquele corte que me lembrava a tela rasgada daquele quadro de Fontana. Enfim, mas era evidente que não devíamos falar disso. Era o mal de viver descrito numa poesia de Monatale: “Era o riacho estrangulado que borbulha, era a folha ressequida, era o cavalo abatido”, estudamos na escola – mas ninguém na classe chegou a ter a dúvida se estava falando de nós. Desde menina eu me olhava no espelho de manhã, sorria para mim, pensava na minha rachadura e me dizia: chega, você está se preocupando com quê, você é jovem, é bonita. Ao crescer, porém, a rachadura parecia aprofundar-se, negra na minha parede interior branca. Alargou-se, transformou-se em melancolia: depois patológica, depressão severa. Fui a alguns médicos, me trataram, me senti melhor; depois de novo, intermitentemente, a rachadura se evidenciava, doendo, e sussurrava: você não está curada [...]. Eu li Mounier. “Deus passa pelas feridas”, escreveu. E refleti sobre isso: “Será que a minha rachadura era uma brecha numa parede impermeável, um rasgo necessário?” Depois me esqueci, atenta em dosar com cuidado remédios sempre novos [...]. Dor como que por uma falta irremediável, como que por uma radical e tormentosa saudade [...] Há tempos me conformei com não procurar mais um nome para a minha rachadura. Está lá, e, diria eu, mais rachada e mais escura. Mas esta noite, lendo, aquela frase me tocou no ponto mais dolorido, e me comoveu. Porque essa ferida? Se ela não existisse, eu fisicamente saudável, eu não pobre, eu sortuda, não precisaria de nada. É uma salvação esse muro rachado, essa falha pela qual um jorro de graça, incontrolado, pode entrar e fecundar a terra árida e dura».*¹⁸

Não só não adianta nada isolar-se (primeira mentira), porque isto nos torna mais escravos; não só um

¹⁷ «Se ficar parado, você nunca sabela completamente por que está queimando» (J. Treco, “Be still my heart”, in *Livrinho*, p. 11).

¹⁸ M. Corradi, “La mia crepa”, 23 ottobre 2017, *Tempi.it*.

coração com essa ferida não é errado (segunda mentira), porque ela é um recurso, o sinal da nossa grandeza; mas, mais ainda, «a nostalgia desse absoluto é como um pano de fundo, invisível, incognoscível, mas com o qual medimos toda a vida»,¹⁹ como escreveu Ernesto Sabato. Quer dizer, essa ferida é o instrumento, a arma com que podemos descobrir se alguém é nosso amigo ou não, não algo do qual nos envergonhamos diante dos amigos.

Podemos, então, reconhecer uma terceira mentira, que diz respeito à amizade. Nós achamos que agradamos os outros ao escondermos essa nostalgia: teremos mais amigos se não incomodarmos e assim poderemos ser aceitos e preferidos. Porém, se medirmos tudo com essa nostalgia, poderemos entender quem é amigo de verdade e quem não é. As pessoas que te abandonam se você muda, diante das quais você sempre tem de vestir uma máscara, não são amigos, mas agiotas das nossas emoções. Quando, porém você mantém aberta essa ferida, quando não se envergonha, mas olha para ela como a parte mais verdadeira de si, então é você quem passa a mandar para aquele lugar os amigos que fazem com que você se sinta inadequado e te abandonam, porque com amigos assim você não sabe o que fazer! Assim você desmarcara a mentira da falsa amizade: a amizade por contrato.

Graças à ferida que está em você, você procura um amigo que possa estar à altura do que você sente como mais problemático, mais incompreensível, mais misterioso, mas irresolvido na sua vida, porque o amigo não é alguém com quem você faz um contrato sobre as emoções, mas quem te conhece melhor do que você mesmo. É verdade, não remove a sua ferida, não faz uma “lavagem gástrica” dos seus maus humores, como às vezes achamos que também a religião tenha de ser. «Estou mal, e aqui encontro um consolo». A amizade verdadeira é a que te permite finalmente olhar com simpatia para a sua ferida. Você entende que alguém é um verdadeiro amigo se te faz sentir livre, você mesmo, levado plenamente em consideração, mesmo se acabou de te conhecer. Com ele você se sente em casa.

Chester Bennington, do Linkin Park, tinha intuído que essa nostalgia era o critério para encontrar um verdadeiro amigo, alguém que o amasse como ele era: «Quero me curar, quero [...] / me sentir perto de algo de verdadeiro / quero encontrar o que sempre desejei / um lugar ao qual pertencer».²⁰ Que dor pensar que ele não encontrou e em julho do ano passado tirou a própria vida por isso! E que dor pensar nos nossos colegas que preferem ficar sozinhos! Quantos amigos nossos não vivem o que vocês vivem, mas não têm a coragem de dizê-lo a ninguém.

Mas vocês estão aqui esta noite. Não escolheram isolar-se e querem olhar para essa falta como a coisa mais preciosa, não apenas como um problema para resolver, como os cachorros. E assim vão poder descobrir se a amizade entre nós, se o que vivem entre nós é capaz de abraçá-los como vocês são. Não encerremos a partida: existe um lugar que nos pode acolher, onde podemos sentir-nos em casa, onde as nossas perguntas podem ser levadas em consideração, como escreveu uma amiga nossa:

«Meu pai me abandonou quando eu tinha cinco anos. A partir daquele momento, já faz onze anos, continuo a me perguntar por quê. Esse fato me fez perder de antemão a confiança em todas as outras pessoas. Comecei a acreditar que todas as pessoas cedo ou tarde vão te abandonar, que ninguém permanece para sempre, não importa o quanto diga que te ama.

Passei onze anos procurando cobrir esse vazio, ou seja, vendo-o como uma vergonha. Eu me iludia que, fazendo assim, desapareceria. E isto me complicou as coisas realmente muito. Eu já achava que estava acostumada a ter um pedaço faltante, mas neste último ano recomencei a acertar as contas com isso.

Foi e ainda é doloroso, uma dor dilacerante, mas deve ser enfrentada. E estou aqui escrevendo sobre isso, porque tenho uma necessidade desesperada de compreender o motivo de certas escolhas. Preciso que alguém me ajude, sozinha não consigo [Ela deixou de ser alguém que acha que pode resolver os problemas sozinha. Que liberdade!]. Eu encontrei esse “alguém” na

¹⁹ E. Sabato, “España en los diarios de mi vejez”, in *Livrinho*, p. 11.

²⁰ Linkin Park, “Somewhere I Belong”, in *Livrinho*, pp. 11-12.

comunidade de GS, que me levou a pensar em Alguém maior.»

Estamos juntos nestes dias para ver se esse Alguém maior, se o Amigo Desconhecido de que eu falava no começo é tão presente, tão concreto a ponto de nos fazer olhar para o que normalmente consideramos uma vergonha como olhamos para o nosso maior recurso. Estamos juntos para ver se existe um Amigo Desconhecido do nosso coração, um amigo verdadeiro, que nos entende mais do que nós entendemos a nós mesmos.

Mas há uma coisa a fazer: se quiserem entender quem é um amigo verdadeiro que não quer te sacanear, vocês têm de olhar para ele, e não simplesmente quando fala, porque muitos podem ser bons em “te enrolar”. Vocês devem observá-lo em ação, devem ver como age nas relações com os outros; por exemplo, como vai fazer compras, como olha tudo nas ações mais banais e cotidianas. Como se chama esse olhar para um outro a fim de entender se é certo para nós? Chama-se «silêncio». Só por isso, e não para sermos soldadinhos, é que pedimos o silêncio nestes dias, para finalmente abrimos o coração e vermos se o que temos diante dos olhos é uma enganação ou uma amizade verdadeira, «para vermos – como um de vocês escreveu – se Jesus é a maior enganação do mundo ou se realmente é o segredo, o meio para olhar todas as coisas, até as piores e mais feias». Quem escreveu isto é um homem, alguém que faz assim é um homem. E, se for leal com essa pergunta, é impossível que não fique em silêncio, todo inclinado a entender, a ver, arriscando toda a nostalgia do seu coração, sem vergonha, para surpreender o amigo verdadeiro em ação.

E o que acontece esta noite? Esta noite a Igreja nos lembra que Jesus, para ser amigo da ferida dos homens até o fundo, para ser amigo de Judas, que o trai (por isso o chama de «meu amigo») e dos outros discípulos amedrontados e confusos perante a sua traição, entende que deve dar a vida por eles. Este é o verdadeiro amigo, não alguém que espera ou pretende algo de você, mas alguém que por amor a você começa a dar a vida por você. Não pretende de você algo para si, mas Ele mesmo, antes de tudo, dá a sua vida por você. É um amigo verdadeiro ou é um louco quem dá a sua vida pelos seus amigos? Escutemos *Cristo al morir tendea*.²¹

Cristo al morir tendea

Jesus morreu para não nos deixar sozinhos, Jesus morreu para podermos experimentar um mínimo de simpatia para com o nosso coração, para que a mentira de que falamos não mantenha mais sequestradas as nossas vidas. Para que a alegria que é a Sua vida comece a penetrar na nossa, Ele doa a Sua vida. «Para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa».²²

Vamos celebrar a missa. Convido todos a ficar, mesmo que normalmente fica entediado, que nunca foi à missa, que não crê, quem não entende, porque só é preciso olhar e escutar, com esta pergunta no coração: Alguém que dá a sua carne e o seu sangue por mim é o Amigo Desconhecido, é a preferência que eu esperava para a minha vida?

²¹ Fra Marc'Antonio da San Germano (séc. XVI), “Cristo al morir tendea», in *Livrinho*, pp. 12-13.

²² Jo 15,11. Assim, durante a última ceia, Jesus rezava, falando ao Pai sobre os seus discípulos: «Quando estava com eles, eu os guardava em teu nome, o nome que me deste. Eu os guardei, e nenhum deles se perdeu, a não ser o filho da perdição, para se cumprir a Escritura. Agora, porém, eu vou para junto de ti, e digo estas coisas estando ainda no mundo, para que tenham em si a minha alegria em plenitude. Eu lhes dei a tua palavra, mas o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como eu não sou do mundo. Eu não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno. Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo. Consagra-os na verdade: a tua palavra é a verdade. [...] Pai, quero que estejam comigo aqueles que me deste, para que contemplem a minha glória, a glória que tu me deste, porque me amaste antes da criação do mundo» (Jo 17,12-17.24).

Palestra, Pigi Banna
30 de março, sexta-feira de manhã

**«Eu não poderia mais viver
se não o ouvisse mais falar» (A. J. Möhler)**

Al mattino

Como uma «ânfora vazia na fonte»,²³ assim Maria devia sentir-se no dia da morte de Jesus. Como nós nos sentimos diante da morte de um filho, de um amigo querido. Finalmente tínhamos encontrado alguém que nos preferia, que dava sua vida por nós, e agora o tiram de nós. Onde está Deus em tudo isto? Maria se colocava essas perguntas e, cheia delas, seguia Jesus, que ia morrer; não O deixava, porque tinha certeza de uma coisa: como poderia viver sem ouvi-Lo falar? Peçamos, nós também, neste dia para sermos como ela, cheios das nossas perguntas, mas sem fugir, tentando seguir.

Angelus

Vamos rezar as Laudes. É uma forma para nos despertar, para nos colocar diante de nós mesmos. Para mim, as Laudes são como quando você está na rua – algum de vocês com certeza dirige *scooter* –: de manhã faz sempre o mesmo caminho, aciona o piloto automático enquanto viaja com os pensamentos e vai, até porque você conhece o caminho quase de cor. Num determinado momento, um carro que vem da direção oposta buzina para que você pare: acontece algo que te desperta. Pois então, a Igreja é como esse carro que vem ao nosso encontro, nos desperta e nos diz: «Você se dá conta de que está neste mundo e não é óbvio que você se tenha levantado esta manhã? A quem agradecer por esta vida? O que você espera deste dia?» A Igreja nos desperta e o faz por meio de palavras de homens que viveram uma relação única com Deus. Eu não pretendo agora que vocês entendam todas as palavras que vamos ler, mas sei que haverá ao menos uma frase que será como uma buzina que nos desperta. Então apeguemo-nos a essa frase que nos faz despertar neste dia.

Como rezamos as Laudes? Mesmo se muitos de vocês já o saibam, que ninguém o dê por óbvio. Nós o fazemos mantendo todos a mesma nota – diz-se *reto tom* –, porque, como dissemos ontem, a nossa amizade existe para que cada um possa gritar, sem envergonhar-se de si. O *reto tom* permite que a voz de cada um seja amplificada pela voz de todos; por isso, é preciso escutar os outros. É o oposto do que acontece na discoteca, onde para fazer ouvir a sua voz no meio do barulho, você precisa gritar ao outro ao pé do ouvido. Aqui não, aqui a sua voz é amplificada por outras quatro mil novecentos e noventa e nove pessoas, de modo que você possa trazer à tona todo o seu eu.

Laudes

Ver nos enche de maravilhamento

«De manhã [...] a minha ânfora está vazia na fonte.»²⁴ Se pensarmos em como nos surpreendemos toda manhã, é mesmo verdadeira esta frase: como ficamos presos nos nossos pensamentos, enrolados nos programas do que deveríamos fazer durante o dia! Avançamos um pouco por inércia. Mas há algo que nos faz levantar o olhar e recomeçar?

Sabe-o bem quem entre vocês quem se levantou cedo para ir ver o nascer do sol. Ao nosso redor há algo maior do que os nossos pensamentos e as nossas preocupações, sempre. Há uma realidade maior do que os

²³ A. Mascagni, “Al mattino”. In: *Cantos*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2015, p. 315.

²⁴ *Ibidem*.

nossos pensamentos, uma realidade que não somos nós que fazemos. Bastaria ser como criança para percebê-lo, ou como um amigo nosso, que ficou em coma por oito dias; lembrando o momento em que voltou à consciência, escreveu: «Abri os olhos. Lembro que nunca estive tão feliz! Deus me presenteou a possibilidade de reviver as coisas pela primeira vez». Antes dos pensamentos há uma coisa, a realidade! Seria suficiente levantar os olhos para o céu toda manhã para dar-se conta da realidade, como descreve um breve relato escrito por uma de vocês:

«Aquele dia não começou como sempre. Tendo-se levantado, vestido, tendo mastigado distraidamente, enfim saiu de casa completamente apático. Tudo ao seu redor movia-se, como sempre. Chegando ao fim da rua, virou-se para a direita e entrou na banca, perfeitamente pontual para o jornal da manhã. Passando rapidamente pelas notícias e dando uma lidinha aqui e ali, chegou à faixa de pedestres. Levantou os olhos para verificar a rua e foi assim que seu olhar foi capturado por algo diferente: do outro lado, na calçada oposta, o rapaz, ereto, em pé, mochila nas costas, pronto para a escola, mas com o queixo parado e os olhos apontados para o alto. O olhar: foi o que parou toda e qualquer coisa. Conseguia-se distinguir, claro e luminoso, refletido em seus olhos escuros, o céu. O rapaz estava observando o céu, e este se espelhava em seu olhar, e era difícil não notar toda a luz que emanava, brilhante e de uma cor nova, que contrastava com tudo e com todos naquela cidade. Ficou a fitá-lo boquiaberto, parado, no meio da faixa de pedestres, o jornal ainda nas mãos. Decidiu levantar a cabeça para o alto e deixou que o azul se pintasse também em seus olhos. Surpreendeu-se leve, e o olhar pôs-se a acariciar cada ângulo daquele espetáculo acima dele. Uma luz nova encheu-o repentinamente, e ficou ali, parado, no meio do tempo e do silêncio que a cidade lhe roubara».

É suficiente o céu para levantar o olhar e recomeçar. Entendo que quem é de Milão tem um pouco mais de dificuldade, porque não tem o privilégio do céu azul de Roma! Mas é suficiente muito pouco, como diz Gaber em *Ilógica alegria*,²⁵ «Pode basta um nada, um pequeno brilho, um choque aparentemente insignificante da realidade, uma provocação, e o nosso eu se desperta».²⁶ Como fez aquele rapaz que pegou um telescópio e desceu para a rua a fim de mostrar a todos uma coisa que sempre está na nossa vista: a lua.

*[projeção de vídeo]*²⁷

Diante do vídeo, todos nós tivemos a mesma reação: «Ooh!». É o encanto.

Mas quantas vezes temos diante dos nossos olhos algo maior do que os nossos pensamentos, não só a lua, não só o céu, mas pessoas que nos esperam e que nós não vemos! Escreve o poeta P. Barbaro: «O problema é ter os olhos fechados e não saber ver, não olhar as coisas que acontecem. Olhos fechados. Olhos que já não veem. Que já não são curiosos. Que não esperam que nada mais aconteça».²⁸ Uma de vocês descreve isso muito bem:

«Qualquer coisa fica óbvia e previsível. O que encantava a criança em sua simples misteriosidade e se expressava com um simples mas eficaz “oh!” [encanto], reduz-se a um banal e costumeiro “ah!”».

Quantas vezes não nos vemos com esse «ah!» em nós. É aquela sensação de já sabido, aquele ceticismo que vocês já podem ter na sua idade. Assim a vida vira uma grande monotonia, é sempre a mesma história.

²⁵ G. Gaber “Illogica allegria”, in *Livrinho*, pp. 27-28.

²⁶ J. Carrón, “Fu guardato e allora vide”, in *Livrinho*, p. 27.

²⁷ *A New View of the Moon*, 20 de março de 2018: <https://video.repubblica.it/mondo/la-luna-al-telescopio-e-uno-shock-chi-lo-usa-non-crede-ai-suoi-occhi/300188/300818>

²⁸ P. Barbaro, “Ah uno sguardo” in *Livrinho*, p. 29.

«Que novidade pode haver na minha vida?», pergunta-se já aos quinze anos. Então a pessoa se deixa tomar por todo o seu sentimento de incômodo: é como se o seu sentimento cobrisse os seus olhos e então, mesmo se ocorresse um milagre na sua frente, não o veria. Deus, nessas situações, como escreveram alguns de vocês, parece o grande ausente, como quando a pessoa faz um telefonema e do outro lado ninguém responde: só silêncio.

Ontem a figura de Judas nos ajudou a entender melhor a nós mesmos, e nestes dias também temos companheiros de viagem no nosso sermos atrapalhados pelos nossos sentimentos: os discípulos. Quando veem Jesus chorar lágrimas de sangue, quando o veem triste e perturbado, os discípulos se assustam e pensam: «Acabou! Agora vão nos matar!» Eles têm medo. Sentem o cheiro da morte fazendo-se cada vez mais próximo. Não veem nada além do que o próprio medo. Aterrorizados, abandonam Jesus e fogem.²⁹

Todos o abandonam e fogem, mas fazendo assim não veem o milagre: Ele não foge, vai para morrer por nós. O que Jesus via, além do medo, para não fugir? Esta é a pergunta que nos conduzirá por todo o dia até a hoje à tarde: o que Jesus via que os outros não viam? E mesmo assim estava triste, como diz o canto que vamos escutar agora, *Tristis est anima mea*: «A minha alma está triste até a morte: / fiquem aqui e vigiem comigo. Agora verão uma multidão que me circundará. / Vocês fugiram e eu vou imolar-me por vocês».³⁰

Tristis est anima mea

O eu renasce num encontro

O que nos permite não fugir? O que nos permite reabrir os olhos sobre a realidade, para voltarmos a ver? O que nos permite não ficar fechados, isolados e enrolados nos nossos estados de espírito? Temos de reconhecer – e esta admissão não é uma derrota –: sozinhos não damos conta, precisamos de alguém que venha e nos desperte. Carrón diz: «Precisamos de alguém que nos devolva a capacidade de ver. [...] Que alguém fixe o olhar em mim, que perceba que eu existo, que eu conte para alguém, que contragolpe quando isso acontece! [...] É a graça de ser escolhido»,³¹ de ser preferido.

Quando alguém chega e nos quer bem, despertamos. É disto que precisamos para reabrir os olhos. Aqui não somos todos católicos, nem todos vamos à missa todo dia, e mesmo assim todos aceitamos o convite para vir. Por quê? Porque pelo menos uma vez nos sentimos olhados por alguém. A poesia de Salinas descreve isso:

«Quando tu me escolheste / – foi o amor que escolheu – saí do grande anonimato / de todos, do nada. / Até então / eu nunca estivera mais alto / do que os picos do mundo. / Nunca descera tão abaixo / das profundidades / máximas indicadas / nas cartas marítimas. / E minha alegria era / triste, como o são / aqueles pequenos relógios, / sem braço ao qual atar-se, / sem bateria, parados. / Mas quando me disseste: “Tu” / – a mim, sim, a mim, entre todos – / mais alto agora do que estrelas / ou corais eu estive. / E minha alegria / pôs-se a rodar, amarrada / ao teu ser, no teu pulsar. / Posse de mim tu me davas, / dando-te a mim. / Vivi, vivo. Até quando? / Sei que voltarás / atrás. E quando te fores embora / voltarei àquele surdo / mundo, indistinto, / da grama, da gota, / na água, no peso. / Serei um dos muitos / quando não mais te tiver. / E perderei o meu nome, / os meus anos, os meus traços, / tudo perdido em mim, de mim. / Tendo voltado ao imenso

²⁹ Cf. Mc 14,42-52: «[Jesus lhes disse:] “Levantai-vos! Vamos! Aquele que vai me entregar está chegando”. Jesus ainda falava, quando chegou Judas, um dos Doze, acompanhado de uma multidão com espadas e paus; eles vinham da parte dos sumos sacerdotes, escribas e anciãos. O traidor tinha combinado com eles um sinal: “É aquele que eu vou beijar. Prendei-o e levai-o com cautela!” Chegando, Judas logo se aproximou e disse: “Rabi!” E beijou-o. Então, eles lançaram as mãos em Jesus e o prenderam. Um dos presentes puxou a espada e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a ponta da orelha. Tomando a palavra, Jesus disse: “Viestes com espadas e paus para me prender, como se eu fosse um bandido? Todos os dias eu estava convosco, no templo, ensinando, e não me prendestes. Mas, isto acontece para que se cumpram as Escrituras”. Então, abandonando-o, todos os discípulos fugiram. Um jovem o seguia coberto só de um lençol. Eles o pegaram, mas ele largou o lençol e fugiu nu».

³⁰ L. Perosi, “Tristis est anima mea”, in *Livrinho*, pp. 29-30.

³¹ J. Carrón, “Fu guardato e allora vide”, in *Livrinho*, p. 30.

*ossuário / naqueles que não morreram / e já não têm nada / para morrer na vida».*³²

Precisamos de alguém que nos diga «Tu» e nos faça sair «do grande anonimato», como um verdadeiro amigo que apareça de repente e nos diga: «Você está aqui! Eu estava te esperando!», ou uma bela menina que exclame: «Não via a hora de te encontrar!» Nós precisamos ser preferidos, ser esperados; precisamos de alguém que comemore o fato de existirmos, senão nunca vamos abrir os olhos, sempre ficaremos isolados com os nossos sentimentos e as nossas reflexões. Um amigo nosso conta isso de forma simples e estupenda:

«Antes de chegar à festa do meu aniversário, não tinha nenhuma vontade de ir, no sentido de que nunca gostei das minhas festas, porque eu sempre estava no centro da atenção, quase exageradamente. Falei disso com um professor amigo, e ele me disse uma coisa muito simples: “Você não tem de estar obrigatoriamente animado para a festa. Fique lá com o que você é e como é agora, fique lá com a tristeza que tem sem esconder nada”.

Cheguei à festa sem nenhuma máscara, sem fingir que estava feliz (sem fingir que estava animado), então eu era eu mesmo. A coisa incrível foi como os meus amigos organizaram a noite. Havia uma semana, quase todos os dias, eles se encontravam e se ocupavam por mim. E isto me marcou demais, até porque eu me sentia sozinho fazia um certo tempo. Assim a festa começou; prepararam as brincadeiras, um vídeo, um presente, os cantos para mim. Fizeram tudo isso para mim. Eu tinha chegado triste, mas estava percebendo que em tudo isso eu não estava sozinho, mas havia amigos que me queriam bem. Eu estava tão feliz por ter esses amigos e por ser tão querido, que o meu coração estava explodindo. Eu estava com o coração cheio de algo realmente grande. Quando o vídeo acabou, a única coisa que eu tinha para dizer era “Obrigado”, eu estava agradecido por me sentir preferido. A coisa mais desejável do mundo é ter uma amizade que me ama por aquilo que sou: disléxico, gordinho, tonto, incapaz de fazer qualquer coisa; poderiam dizer “inútil”. Mas eu tenho amigos que me querem bem e que não me fazem sentir inútil. Esta coisa é incrível e sempre me comove».

Eis o que liberta da solidão, do isolamento, do sentimento de inutilidade, do incômodo pelos próprios defeitos, e faz voltar a respirar e a ver:³³ não a demonstração de que você não é disléxico, ou começar a fazer uma dieta para deixar de ser gordinho, mas um encontro vivo que «provoca para o fato de que o nosso coração, com aquilo de que é constituído, com as exigências que o constituem, existe».³⁴ Um encontro com uma pessoa, não com uma coisa. Insisto nisto, porque me impressionou que, diante do título do Tríduo («Quem és tu que preenches o meu coração com tua ausência?»), muitas das contribuições de vocês se tenham fixado na palavra «ausência», como se não tivessem visto as três primeiras palavras: «Quem és tu...?» Pergunto-lhes: há alguém na sua vida – um! Só basta um! – feliz porque vocês existem? Alguém por quem vocês se sentem preferidos, não se sentem julgados? Porque precisa alguém, não uma coisa, não um conceito, mas alguém de carne e osso, que é capaz de te lembrar quem você é.

Fire of time

Basta uma pessoa que não pretende nada de você, mas que simplesmente – como diz Jovanotti – «vem procurar você / porque faz questão / para gritar “eu te amo”».³⁵ Não é você quem tem que conquistar a estima dela demonstrando sei lá o quê, postando nas redes sociais fotos de você onde não se vê o nariz, para parecer mais bonita. Não! Ela vem te procurar assim como você é, só para te dizer: «Eu te amo», e não «Você me é

³² P. Salinas, “La voce a te dovuta”, in *Livrinho*, pp. 30-31.

³³ Como diz a poesia de um de vocês: «Anunciei num pedestal / Um amor que orgulhoso aprendi / Ensinou-me um homem de roupas pobres / Com um olhar nu me despiu [...] E duro como pedra marmórea o coração pede / O fervor do perdão», in *Livrinho*, p. 32.

³⁴ L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro*, in *Livrinho*, p. 31.

³⁵ Jovanotti, “Ragazzini per strada”, in *Livrinho*, p. 32.

útil para algo». Infelizmente nos acostumamos a esse uso instrumental das relações,³⁶ de modo que eu te procuro porque você é útil; então a pessoa pensa: «A meu Deus, e se eu não lhe servir mais, o que vai fazer? Vai me deixar?»

Ao contrário, há alguém que diz: «Eu venho te procurar porque você existe. Ponto. Porque te amo, porque não me interessa o que você sabe fazer, mas o que você é, a necessidade que você é». É alguém que te procura, antes mesmo que você o procure, e você se deixa olhar. O papa Francisco sempre diz:³⁷ não somos nós que procuramos a Deus – e raramente o fazemos (quando nos sentimos animados e devotos, ou quando estamos deprimidos e queixosos), – mas é Ele que nos surpreende primeiro, nos agarra e nos conquista: você descobre que estava te esperando.

Quem és tu que preenches o meu coração com tua ausência?

Como escreve o grande poeta Betocchi: «O que é preciso é um homem / não é preciso a sabedoria».³⁸ Um homem, não um discurso. Não é como o inglês: primeiro você aprende e depois fala em qualquer lugar e com qualquer pessoa. Não estamos aqui para aprender uma técnica para não ficarmos mais tristes quando depois voltarmos para casa. Estamos aqui porque existe uma pessoa, não um discurso, que veio procurar-nos e com quem queremos estar. «É algo [...] que vem *antes* de tudo [...] que não precisa ser explicado – diz Dom Giussani –, mas *apenas ser visto*, captado, que suscita um maravilhamento».³⁹

Tentemos pensar naquele pobre pescador ignorante que era Pedro. Pedro não tinha feito grandes estudos, não tinha feito um curso para controlar as suas emoções, tampouco um curso de cristianismo! Simplesmente, desde quando Jesus o chamou, já não conseguia separar-se d'Ele. Vivía cada dia com Ele, de manhã à noite. Quando chegava em casa à noite, não via a hora de chegar a manhã seguinte para revê-lo de novo, porque «era bom estar com Ele».⁴⁰ Não dizia isso só pelas suas palavras, pelos seus ensinamentos, pelas coisas que fazia, mas principalmente porque era bom estar com Ele.

Pedro jamais teria imaginado encontrar um homem assim. O que poderia esperar como o máximo da vida? Juntar muito dinheiro, ficar bem, ficar satisfeito com o que tinha. Mas um homem como Jesus, que o surpreendia tanto assim a cada dia, ele jamais teria imaginado. Seria possível dizer, com as palavras de uma canção de Ornella Vanoni: «Seus olhos não, sua boca não / eu não posso inventá-los / sua presença não, sua ausência não / eu não posso inventá-la».⁴¹

Entendem qual é a diferença entre os nossos pensamentos e uma pessoa que nos prefere? Não podemos inventar uma pessoa; toda vez é uma surpresa ver como essa pessoa nos tira da concha dos nossos pensamentos, nos deixa com a respiração suspensa, a ponto de surgir em nós a pergunta: «Quem é você? Eu achava que te conhecia, mas... não. Quem é?» Perguntem-se se houve ao menos uma pessoa na sua vida perante a qual vocês disseram: «Mas quem é você?» Sem um encontro semelhante, não poderemos abrir os olhos, nem descobrir o bom da vida. Não precisamos encontrar uma pessoa que nos explique as coisas, mas alguém que nos fascine com sua presença, e então ficaremos colados nela.

Mas o que acontece normalmente? Apenas duas semanas depois de começar a namorar uma garota, você começa a pensar: «Ah, já a conheço!» Pois então, quando você diz de uma pessoa: «Já a conheço», significa que a sepultou no túmulo do já sabido, e acha que agora deve esperar por uma outra que te surpreenda um

³⁶ «Quando um homem ama uma mulher, o momento culminante da sua afetividade é quando, olhando-a enquanto trabalha, pensa em seu destino. Sem isto, tem-se a relação que se tem com um caneta, puramente instrumental, ou com o cão, com o gato» (L. Giussani, *Spirito Gentil*, in *Livrinho*, p. 32).

³⁷ «Como é bom pensar que o cristianismo é essencialmente isto! Não é tanto a nossa busca em relação a Deus – na verdade, uma procura tão vacilante – como sobretudo a busca de Deus em relação a nós. Jesus alcançou-nos, arrebatou-nos, conquistou-nos para nunca mais nos deixar» (Francisco, *Audiência geral*, 19 de abril de 2017).

³⁸ C. Betocchi, «Ciò che occorre è un uomo», in *Livrinho*, p. 35.

³⁹ L. Giussani, *Qualcosa che viene prima*, in *Livrinho*, p. 35.

⁴⁰ Cf. Mc 9,5-8: «Pedro então tomou a palavra e disse a Jesus: “Rabi, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”. Na realidade, não sabia o que devia falar, pois eles estavam tomados de medo. Desceu, então, uma nuvem, cobrindo-os com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho amado. Escutai-o!” E, de repente, olhando em volta, não viram mais ninguém: só Jesus estava com eles.»

⁴¹ O. Vanoni, “Io come farò”, in *Livrinho*, p. 36.

pouco mais. No entanto, pensem se depois de quinze, vinte anos que conhece um amigo ou que está apaixonado por uma garota, você se vê repetindo com encanto: «Mas quem é você? Você é cada vez mais um mistério para mim», «Sua presença não, sua ausência não / eu não posso inventá-la». Os nossos amigos de Rímíni do grupo Cristo Rei me perguntaram: «Como podemos ser amigos?» Eu lhes mandei uma carta em que Dom Giussani escreve a um amigo: «Você é como este mar: imenso e arcano».⁴² Quando o amigo te deixa com a respiração suspensa, quando o amigo te faz perguntar: «Mas quem é você?», este é o sinal de que não estamos em relação com uma ideia nossa, com algo que sabemos, mas com uma presença viva.

Mas também Pedro – como todos nós fazemos com as relações mais verdadeiras da vida –, a certa altura deixa de ficar maravilhado e acha que entendeu Jesus. Assim, quando Jesus começou a falar de morte e ressurreição, Pedro, «chamando-o de lado, começou a censurá-lo».⁴³ Achava que já tinha entendido Cristo melhor do que todos, como muitos de nós acham que entenderam quem é Cristo, que sabem onde está, o veem em toda parte, mas na verdade não o conhecem. São visionários: aquilo não é Cristo, são só pensamentos sobre Cristo, a projeção das nossas emoções sobre Ele. Faço uma pergunta a quem diz que vê Cristo em toda parte: «Cristo já te surpreendeu, como fazia com Pedro? Você já se surpreendeu dizendo “Mas quem é você?”, ficando com a respiração suspensa?».

A questão não é Cristo, mas se estamos na frente de uma realidade, de uma presença viva que nos desloca dos nossos pensamentos. Diante dessa pergunta, vem d’Ele, e não de você, a resposta: «Sou Deus», e você adere. Se não te encher de pergunta, de maravilhamento, de curiosidade, se não te fizer sair da sua lógica, então não é Cristo, mas só a sua imagem d’Ele. O desafio do «já sabido» está à espreita, também na idade de vocês: a pessoa viu e acha que já sabe como deverá ser. Você acha que já sabe quem é Cristo, que já sabe que Deus é a resposta à pergunta do título: está errado! Essa é a sua ideia de Deus. Você já sabe que o Tríduo vai ser bonito, mas também que depois vai ficar deprimido. Mas há alguém que faz o seu coração palpitar, até te fazer perguntar: «Mas quem é você?». Eis aí, por trás está Deus, não no que você acha que já sabe.

Por essa razão, sempre me marcou vir a saber de um fato que diz respeito à vida de Dom Giussani, um homem que desde quando tinha quinze anos – pensem! – era apaixonado por Cristo, falava sempre de Cristo, falou d’Ele a todos, inflamando gerações de pessoas. Sabem o que ele pediu que cantassem as pessoas que estavam perto dele, poucos dias antes de morrer?⁴⁴ Um canto que diz de Jesus: «Nós não sabemos quem era, / nós não sabemos quem foi...».⁴⁵ Quanto mais conhece uma pessoa, mais você lhe quer bem e mais não a possui, a ponto de deixar-se surpreender continuamente por ela. Cantemos nós também esse canto, para nos despojarmos de todas as nossas ideias sobre Jesus, porque nós achamos que já sabemos quem é Deus e depois reclamamos que ele não responde.

Noi non sappiamo chi era

Quando achamos que já sabemos quem é Cristo, que já sabemos quem é Deus, o que nos acontece? Pedro, quando a certa altura de sua vida pensou que já sabia quem era Cristo e que tinha entendido a Sua mensagem, se separa d’Ele. Dom Giussani escreve: «A tentação é “separar-se” desse seguir, pela presunção de já saber o que é pedido».⁴⁶

Porém, quando a pessoa está triste, quando sofre uma decepção porque acontece algo que não vai bem, se está apaixonado, o que faz? Pede. Procura como um mendigo a pessoa amada, grita: «Cadê você, que preenche o meu coração com sua ausência?», esperando que chegue de novo, como uma surpresa.

Ao contrário, quem acha que já sabe, diante do primeiro mau humor e da primeira tristeza, o que faz? Não

⁴² L. Giussani, *Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo*. Cinisello Balsamo-Mi: San Paolo, 2007, p. 49.

⁴³ Cf. Mc 8,31-33: «[Jesus] começou a ensinar-lhes que era necessário o Filho do Homem sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, sumos sacerdotes e escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar. Falava isso abertamente. Então, Pedro, chamando-o de lado, começou a censurá-lo. Jesus, porém, voltou-se e, vendo os seus discípulos, repreendeu Pedro, dizendo: “Vai para trás de mim, satanás! Pois não tens em mente as coisas de Deus, e sim, as dos homens!”».

⁴⁴ Cf. A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*. Coimbra: Tenacitas, 2017, pp. 1179, 1197.

⁴⁵ A. e G. Agape; A. e G. Roscio, “Noi non sappiamo chi era”. In: *Cantos*, op. cit., pp. 348-9.

⁴⁶ L. Giussani, *Dalla fede il metodo*, in *Livrinho*, p. 40.

procura o amigo, mas se separa censurando: «Foi tudo falso. Não era verdade. Eu me iludi. Você me enganou». Como canta Pink: «Viemos aqui quando você [nos] chamou / Mas depois você nos enganou, e agora chega».⁴⁷ Assim fez também Pedro. Quando uma criada lhe disse: «“Tu também estavas com ele!” [...]», ele começou então a praguejar e a jurar: “Nem conheço esse homem de quem estais falando”».⁴⁸ Quando acha que já sabe, na primeira provação, a pessoa trai o amigo. Chega a dizer: «Nem o conheço»! Quem acha que já entendeu o amigo, quem acha que já sabe quem é Cristo, separa-se, não faz mais perguntas e, cedo ou tarde, o trai. Como escreve uma amiga nossa:

«Os primeiros meses de aula foram para mim um desafio contínuo, mas apesar das dificuldades, aliás, graças a elas, foram ricos de descobertas lindas, tanto em relação ao estudo, quanto em relação com os meus colegas de classe. Perto de dezembro, porém, essa “animação” começou a me abandonar».

Eis a primeira separação da experiência: estava animada ou essa novidade de vida era uma presença? Se estava animada, se era um sentimento, uma vez que ela o perde, acabou; mas, se é uma presença, você pode procurá-la, mendigá-la como um apaixonado. Continua:

«Aquele vazio que experimentei com frequência nos últimos tempos e que parecia finalmente ter-se preenchido durante o verão voltou a fazer-se sentir prepotentemente, e muitas vezes fiquei tentada a dizer que aquilo que tinha acontecido tinha sido só uma enganação [Bem como fez Pedro, quando se separou de Jesus]. Aquilo de que me dei conta logo em seguida é que o famoso encontro de que tanto falávamos, eu tinha começado, sem me dar conta, a dá-lo por óbvio e a dizer a mim mesma que já sabia que aquela falta que tinha experimentado dentro de mim era uma falta de Cristo [Não! Este é o Cristo dos seus pensamentos, das suas emoções!] e agora que eu o tinha entendido, depois de ter tido esse encontro, sabia como estar diante de cada circunstância da vida por mais negativa que pudesse ser. Esta certeza desmoronou logo, e a ferida recomeçou a fazer mal, e o vazio a pedir para ser preenchido».

Ainda bem que aquele vazio voltou, amiga, porque quanto mais se ama, mais se pede; ao passo que nós achamos que, quanto mais se ama, mais se faz calar o desejo pelo amado, até não precisar mais d’Ele. A ideia de que encontrar a Deus, encontrar os amigos, nos preencha até esgotar qualquer pedido, na verdade preenche só a terra sobre o nosso túmulo! Porém, quanto mais ama, mais se deseja. Digam-me se com a namorada de vocês basta um beijo. Seria absurdo se depois do primeiro beijo você lhe dissesse: «Obrigado, entendi o que é um beijo, não me dê mais beijos enquanto estivermos vivos». Quanto mais se ama, mais se deseja. A carta continua:

«Não me basta uma resposta formal, tenho de redescobrir de verdade quem é que preenche esta voragem. Penso que a pergunta sobre quem é que preenche o coração com sua ausência nunca se esgote, aliás, se torne cada vez mais profunda e mais urgente».

É assim mesmo: quanto mais se ama, mais essa pergunta, essa voragem, se torna grande. Ontem um rapaz me perguntou: «Você nos diz para irmos ao Tríduo com perguntas, e você vem com quais perguntas?» Eu lhe respondi: «Eu venho com a mesma pergunta do Tríduo: “Quem é tu que preenches o meu coração com tua ausência?”. Hoje me pus a rezar repetindo essa pergunta, mas, enquanto para você essa é uma pergunta ainda incerta e confusa, para mim é cada vez mais familiar Aquele a quem a dirijo. Por exemplo, para você a

⁴⁷ Pink, “What about us?”, in *Livrinho*, p. 40.

⁴⁸ Cf. Mc 14,69-72: «A criada, vendo Pedro, começou outra vez a dizer, aos que estavam por perto: “Este é um deles”. Mas Pedro negou outra vez. Pouco depois os que lá estavam diziam a Pedro: “É claro que és um deles, pois tu és galileu”. Ele começou então a praguejar e a jurar: “Nem conheço esse homem de quem estais falando!” E nesse instante, pela segunda vez, o galo cantou».

pergunta sobre o amor ainda é incerta e confusa, enquanto o seu pai a tem ainda maior depois de tantos anos estando com sua mãe, se a ama de verdade».

Quando Pedro percebe que abandonou e traiu Jesus, chora amargamente. Imaginem Pedro, com o rosto lavado pelas lágrimas, batendo no peito e repetindo o título do nosso Tríduo: «Quem és tu que preenches o meu coração com tua ausência? Sou um pobre coitado, eu preciso de Ti, vem chamar-me de novo como no primeiro dia. Onde estás?» Quem encontrou Cristo reconhece-o não porque “vê” Cristo em toda parte, nos azulejos da parede, como um idiota; dá para ver que alguém encontrou Cristo porque é mais homem, porque pede como uma criança mesmo sendo velho, porque sente a sua humanidade vibrar, chora e não tem vergonha disso. Então Jesus o surpreende novamente: aparece-lhe vivo depois da Sua morte, vai ao seu encontro e o chama como o chamava sua mãe: «Simão!», fazendo-lhe uma pergunta inesperada por três vezes: «Simão, tu me amas?». Na terceira vez em que lhe pergunta, Pedro responde: «Senhor, tu conheces tudo, tu sabes que te amo».

«Tu conheces tudo, tu sabes que te amo.» Este ano fui à Terra Santa com alguns amigos, e no lugar onde Pedro traiu Jesus estão representadas duas cenas, uma na frente da outra: a traição de Pedro e esse diálogo entre Jesus e Pedro. Na primeira Pedro diz: «Não O conheço»; na segunda responde: «Senhor, tu conheces tudo». O mesmo verbo “conhecer”, mas tudo mudou. Ali entendi o problema da vida: ou eu sou o que sei e o que faço, e no fim acabo não conhecendo, separando-me e traindo; ou então a minha vida fica de pé porque existe alguém que conhece tudo de mim, mais do que eu conheça de mim mesmo. A vida muda de verdade quando se encontra alguém – alguém, não algo – a quem se pode dizer: «Você conhece tudo de mim. Eu sou um pobre coitado, mas você me conhece melhor do que eu mesmo». Por isso, quando estou triste, chamo Você, quando tenho necessidade a minha necessidade é de Você e pergunto: «Onde está? Quem é você que preenche o meu coração com sua ausência?»⁴⁹ Não somos nós que O conhecemos, mas é Ele que nos conhece e sabe tudo de nós.

«Foi olhado e então viu» (S. Agostinho)

Podemos nos identificar com outra figura que fez todo o caminho de Pedro: Maria. Ela porém não achava que já sabia tudo e não abandonou Jesus. Ela nunca fugiu, mas foi atrás de seu filho até o fim. Nunca o deixou, mesmo se sofria e chorava. E mesmo assim seguia, porque tinha certeza de que Deus jamais a trairia. Em toda a sua vida, Maria verificou que, seguindo aquela criança que se tornava cada vez maior, nunca tinha sido traída. Com o tempo, aprendeu a se tornar filha de seu Filho, como Dante disse magnificamente.⁵⁰ E, seguindo-O em meio às provações, viveu com «um coração grande e indomável, [...] com uma ferida que não se cicatriza senão no céu».⁵¹ Rezemos juntos a oração:

Oração do padre Grandmison

Desde o primeiro dia, desde o anúncio do anjo, Maria viu que seguir o turbilhão que Cristo introduzia na sua vida tornava-a cada vez mais aberta e interessada por tudo, com o coração maior: interessava-se por Isabel,⁵² interessava-se por quem não tinha vinho,⁵³ interessava-se pelos que tinham necessidades. Seu coração era cada vez maior, e ela era cada vez mais ela mesma. Por isso Maria não foge, porque viu que seguir Jesus, seguir esse homem – uma presença, não uma ideia –, a tornava cada vez mais humana, fazia com que vivesse as coisas com cada vez mais gosto.

O cristianismo, de fato, não resolve os problemas, não nos torna mais achatados – sem necessidades,

⁴⁹ «Quem és, Cristo», como disse Carrón uma vez, «quem és que não podemos privar-nos de Ti depois de termos Te encontrado? [...] Mas quem é este a quem damos o nome de Jesus?» (cf. J. Carrón, “A preferência que nos salva do niilismo”. In: *Passos-Litterae Communionis*, n. 64, ago. 2005, p. 41).

⁵⁰ Cf. Dante, Comédia, *Paraíso*, canto XXXIII, v. 1.

⁵¹ “Oração do padre Grandmison”. In: *Livro das horas*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2016, p. 318.

⁵² Cf. Lc 1,39-56.

⁵³ Cf. Jo 2,1-11.

como às vezes poderíamos esperar –, mas nos torna cem vezes mais felizes e cem vezes mais sensíveis à tristeza, leva-nos a nos interessar por coisas que nunca pensaríamos. «O cristianismo – escreveu Dom Giussani – deve investir tudo e pode tornar tudo mais vibrante, mais saboroso, mais verdadeiro – tudo! –, até a matemática».⁵⁴ Sinto muito, até a matemática! Seguir a Cristo nos convém porque, tornando-nos mais nós mesmos, nos faz ficar interessados por tudo. Começamos a nos interessar até por política, como aconteceu com alguns amigos nossos de Milão, que, em vista das eleições, escreveram uma carta aos políticos, recebendo também algumas respostas. Ou como aconteceu com os amigos de Ferrara, que durante uma autogestão pegaram uma sala e propuseram uma assembleia à escola toda, e uma deles comentou: «Esta companhia tem até a força de fazer com que você faça coisas que nunca faria». Quando a pessoa é olhada, vê e então se interessa por coisas que antes nem via: «Foi olhado, e então viu».⁵⁵ Duas amigas muçulmanas que estão aqui hoje testemunham isso. Elas nos escreveram que ter-nos encontrado lhes permitiu levar mais a sério a tradição delas. Quando é olhada, então a pessoa vê as coisas de maneira diferente, até os próprios colegas de sala num passeio, como contou uma de vocês. Depois de anos em que pensou que seus colegas fossem «completos idiotas», escreve:

«Falando com os meus colegas, entendi que eles têm as minhas mesmas perguntas, as minhas mesmas dúvidas, a minha mesma vontade de viver, só que ninguém nunca lhes ofereceu uma alternativa melhor, porque nunca conheceram a Cristo. Eu porém sim, eu vi como me mudou, eu me lembro de como era antes, e então não posso não tentar ser sempre eu mesma ao máximo».

Reconhece-se disto a verdade do cristianismo: porque reacende a sua humanidade, te faz ser mais homem. Não te torna mais igual a todos, te torna mais você mesmo. Há a dor, há a pergunta, mas com uma grande certeza, como para Maria: Deus jamais a abandonaria, continuaria a tornar grande a sua vida. «Porque através das coisas magníficas / Porque através das coisas horríveis / Tenho a esperança de ver algo mais / Algo que vai além da superfície / Que vai além do fundo»,⁵⁶ escreve um de vocês, que está numa situação familiar muito difícil. O coração finalmente pode gritar a sua dor, a sua ausência, porque tem certeza de quem o pode fazer feliz, como nos dizia a nossa amiga Miriam ao falar da morte de seu irmão Francesco:

«Por que o dia 10 de fevereiro (o dia seguinte à morte de Francesco) foi o dia mais bonito da minha vida? Pergunto-me todos os dias. Não sei dar uma resposta precisa. Só sei que depois de dias de ansiedade e desespero, senti-me invadida pela serenidade. E inclusive havia mil pessoas em todo lugar. Mil pessoas ao redor. Mil pessoas serenas. Na noite do dia 9 brindamos “ao Francesco, que está no Paraíso”; na manhã do dia 10 eu estava na Rocha de Manerba, na paz com Elisa (uma amiga). Ela, toda noite, na semana antes de Francesco morrer, ficava lá. Comigo, por mim. Ela me explicou que tudo isso é um milagre, que o sacrifício de Francesco não é em vão. Ela me fez entender que Francesco salvou a minha vida, porque, perante um fato que acontece, não podemos ficar indiferentes. Perante algo que acontece de maneira evidente passamos a ter certeza. Eu tenho certeza. Porque para estar tranquila nesta situação, e até mesmo feliz, ou estou louca, ou há algo de muito maior. Este é o momento mais bonito da minha vida. E é paradoxal descobrir no momento mais feio a coisa mais bonita. Mas é assim. Como diz a Elisa, esta é a minha régua de comparação para toda a vida, para qualquer momento em que for mais conveniente pensar que a vida é um engano e que não existe nada maior».

É paradoxal, é possível estar feliz e triste ao mesmo tempo. Quando é olhada como Miriam, a pessoa não só olha a morte com dor e, ao mesmo tempo, com certeza, mas começa a olhar para si mesma de um jeito diferente: quer-se bem. Este é o grande milagre hoje; desafio-os a encontrar outro lugar que lhes dê esse

⁵⁴ L. Giussani, apud. A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, op. cit., p. 89.

⁵⁵ Santo Agostinho diz, referindo-se a Zaquaeu; cf. Santo Agostinho, *Discurso 174*, 4.4.

⁵⁶ Cf. *Livrinho*, p. 44.

presente, porque hoje ninguém gosta de si mesmo, todos querem mudar a própria imagem. Aqui não! O sinal de que você encontrou alguém que te ama, alguém que te diz ser Deus, é que você começa a se amar tal como é.⁵⁷ Como escreve uma amiga nossa: «A adesão ao Movimento tornou possível a coisa mais impossível de todas: gosto de mim e vejo que sou bonita» E não bonita porque se parece com a Ferragni, ou porque você faz tatuagens como o Fedez [*um casal italiano famoso, ndt.*]. Você é bonita porque é amada, porque há alguém que dá a vida por você, porque você começa a se olhar com os olhos d'Ele, e diz: «Então eu sou outra em relação ao que eu achava que era!»

Escutemos uma música de uma profundidade única, da Adriana Mascagni, *Amiga do Mistério*.⁵⁸ Quem sou eu? Eu sou um amado pelo Mistério, amigo do Mistério. Tentemos escutar todas as palavras com esta pergunta: quem sou eu? O que é que me torna bonito neste mundo?

Amiga do Mistério

Podemos prosseguir como Pedro, como crianças apaixonadas, cheias de seus erros, que se perguntam: «Quem é você que preencheu a minha vida?», ou como Maria: na tristeza, na dor, mas certos e felizes, porque Ele jamais vai nos abandonar. Mas ainda permanece aberta a pergunta: por que Jesus, ele que era Deus, não fugiu da cruz? Por que não subiu logo aos céus? Por que não poupou sua mãe de toda aquela dor? Por que não poupou Pedro da tentação da traição? Por que caminha para a morte sem dizer nada? Onde está Deus em tudo isso? O que responde?

Por esse motivo, hoje à tarde vamos fazer a Via Sacra, para escutar a resposta de Deus a essas perguntas. Podemos prosseguir o caminho da cruz assumindo a posição de Maria, de quem sofre carregando todas as dificuldades da vida, mas tem certeza; ou assumindo a de Pedro, de quem está cheio da própria dor pelo pecado, mas está afeiçoado, desejoso de renascer como uma criança. Mas para vivê-la assim, para descobrir como Deus responde a essa nossa pergunta, é preciso fazer silêncio e seguir, sem deixar-se tomar pelos nossos sentimentos, como porém aconteceu aos discípulos que fugiram.

Se vocês não vêm para escutar a resposta de Jesus a essa pergunta, é melhor ficar no hotel. Nós pensamos no silêncio como numa obrigação. Quando uma pessoa pensa em si mesma, vê toda a confusão que tem dentro de si, e por isso o silêncio assusta. Mas pensem em quando uma garota está para te beijar: daria vontade de falar? Não convém falar, é muito melhor ficar em silêncio. Para acolher a resposta de Deus à nossa pergunta, é preciso ficar em silêncio, no sentido de ficarem todos atentos para escutar, para escutar a resposta de Jesus à nossa pergunta.

Só temos um dever na vida, pessoal, do qual dependem todos os outros deveres: não é ir bem na escola, não é tornar-se alguém no mundo, não é formar uma família e nem encontrar um trabalho de sucesso. Nós só temos um dever: ser nós mesmos, ser felizes. Perseguindo esse dever, poderei descobrir se Cristo me faz ser mais eu mesmo em tudo o que tenho de fazer, como aconteceu com Pedro e com Maria. A oportunidade que temos hoje é a de descobrir se Cristo é a presença que pode tornar-nos felizes. Mas precisamos fazer só uma coisa para descobri-lo: ser nós mesmos. Este é o nosso único grande dever.

Dulcis Christe

Angelus

⁵⁷ «Então a pessoa entende qual é a grandeza, qual é o valor do próprio eu, e começa a ter uma estima por si, uma ternura em relação a si, uma consciência do próprio valor, como a que o Mistério teve para se incomodar conosco, comigo e com você» (J. Carrón, “Fu guardato e allora vide”, in *Livrinho*, p. 44).

⁵⁸ A. Mascagni, “Amica del Mistero”, in *Livrinho*, pp. 44-46.

Via Sacra, Pigi Banna
30 de março, sexta-feira à tarde

Primeira estação

Judas, Pedro, Pilatos: a nossa traição

Jesus será crucificado. Estamos seguindo esta cruz na total impotência de Jesus. Por que não fala? Conhecia Judas muito bem, podia bloqueá-lo e não o faz. Conhecia Pedro muito bem, podia bloqueá-lo e não o faz. Era muito mais inteligente e muito mais poderoso do que Pilatos, mas não responde nada. Conhece muito bem as nossas traições, os nossos pecados, mas não nos condena. Por quê? Muitos têm uma pergunta parecida: «Onde está Deus? Por que deixou o nosso amigo morrer? Por que permitiu esta situação terrível na família? Por que não me faz ficar bem?» Acharmos que Deus não responde, que é impotente.

No fundo, o que são as cinco mil pessoas que estão aqui, em comparação com as 65 mil que se animam para ir ao estádio? Um nada. O que vocês são, vindo aqui, em comparação com todos os seus colegas de classe? Um nada. O que é o Tríduo, o que são os momentos mais belos da nossa vida, em comparação com a distração, com os nossos pecados, com os pensamentos que normalmente temos na cabeça? Um nada. Quando pensamos “um nada”, nós O traímos, somos como Pedro, como Judas, como Pilatos. «É um nada, não fez nada!», se pensamos assim, podemos parar nesta estação. Pedro e Pilatos pararam nesta estação; para eles tudo estava acabado. A nossa tentação é dizer: «O que serão os Colegiais, o que será a Igreja em comparação com a confusão que há no mundo?» Paramos e O traímos.

Ou então, sem ainda entendermos tudo, podemos pôr-nos em caminho para ver como Ele responde, como mostra seu poder, morrendo. Não é retórica. Quem quer e não entende o sentido deste gesto pode parar aqui, pensando: «Um homem que vai morrer assim é um impotente, não me adianta para a vida». Mas quem quiser seguir esta cruz, quem quiser ver se ela tem algo para dizer à nossa vida, então pode pôr-se em caminho.

Vamos para a segunda estação em silêncio, para ouvir se Jesus tem algo que dizer às nossas perguntas. Seguimos alguém que vai morrer como um cordeiro inocente,⁵⁹ sem dizer quase nada. Por isso, é preciso o silêncio para podermos ouvir a resposta, ficando perto de quem nos faz olhar a cruz e não nos distrai.

Segunda estação

Maria, Simão, Dimas: atrás da cruz

Maria seguia. Quantas vezes, no trecho de Péguy que escutamos, não se repetiu este verbo: Seguia, seguia...»?⁶⁰ Mas nós também estamos seguindo, não paramos na primeira estação.

Seguir custa um sacrifício. A Maria custava o sacrifício das lágrimas. Ela, que era uma mulher de uma bondade extrema, de uma pureza reconhecida por todos, agora se mostrava como uma «mendiga de piedade»⁶¹ Nós também, seguindo, fazemos o sacrifício de ficar em silêncio, como vocês ficaram até agora de uma forma impressionante. É um silêncio em que às vezes estamos simplesmente distraídos, em que não sabemos o que pensar, o que dizer, descobrindo-nos assim confusos e superficiais. E mesmo assim voltamos a seguir, a olhar para a cruz, a tentar andar atrás daquele homem para entender que resposta tem para nos dar. Assim me marcou que duas garotas do coro, que estava cantando *Ognun m'entenda*,⁶² enquanto no começo estavam olhando a partitura, num determinado momento começaram a cantar aquele canto olhando para a cruz.

O verdadeiro sacrifício do silêncio não é tanto obedecer – porque a pessoa, esforçando-se, pode obedecer de forma passiva –, mas é mostrar no silêncio a parte mais frágil de si. Para Maria, foi mostrar as suas

⁵⁹ T. L. De Victoria, “Eram quasi agnus”, in *Livrinho*, p. 60.

⁶⁰ C. Péguy, “O mistério da caridade de Joana d’Arc”, in *Livrinho*, pp. 63-65.

⁶¹ *Ibidem*, p. 65.

⁶² Anônimo, do Codice Ven. Marciana, séc. XV “Ognun m’entenda”, in *Livrinho*, pp. 62-63.

lágrimas, mostrar-se diante de todos como uma coitada que chora. Assim para Simão, o Cireneu, mostrar-se diante de todos – ele, que era um bom trabalhador – como um amigo de Jesus, sem ter vergonha disso. E para o malfeitor, um homem de coração duro, um homem que não tinha medo da cruz, era um sacrifício mostrar um coração de criança que diz a Jesus: «É verdade, eu errei tudo, mas lembra-te de mim!»⁶³

É desse tipo o sacrifício que nos é pedido nesta última estação em direção à morte de Jesus: olhar para a cruz e não só nos esforçarmos para ficar em silêncio, mas carregar no silêncio tudo o que é mais pesado em nós, tudo o que nos dá mais vergonha de nós mesmos. Este é o verdadeiro sacrifício.

É o momento em que devemos confiar um amigo nosso, um doente querido, uma situação que não conseguimos resolver com nossas forças, mas também uma situação de que nos envergonhamos, como Maria se envergonhava das lágrimas, como o ladrão se envergonhava de mostrar-se como um cordeirinho. Cada um tem a liberdade de aceitar esse sacrifício: poder mostrar-se pelo que se é, colocando-se em caminho atrás da cruz.

Terceira estação

Ele está aqui. Está aqui como no primeiro dia

Vocês ouviram a resposta de Jesus? Para quem não ficou parado, nem com o pensamento, na primeira estação; para quem, como vocês, O seguiu até a morte e dentro do sacrifício, levando-lhe as coisas mais pesadas da sua vida, foi possível ouvir a resposta de Jesus.

Vocês a ouviram? É aquele grito terrível na cruz. Esta é a resposta d'Ele: «Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?»⁶⁴ Esta é a resposta de Cristo à nossa pergunta sobre onde está Deus nos momentos mais difíceis da nossa vida. Ele mesmo carrega em suas costas a nossa dor e a nossa morte. Esta é a resposta de Cristo. Não é alguém que com uma cirurgia plástica remove a nossa dor, resolvendo as coisas com um estalo; mas é alguém que pega a nossa dor, o nosso mal sobre as costas e a carrega conosco, para nós.

Nenhum de nós jamais teria imaginado um Deus assim, no entanto é no fundo aquilo de que mais precisamos. Vocês prefeririam um Deus que tira a fraqueza de vocês e sobe para o céu, ou um Deus que os ama carregando consigo a fraqueza de vocês? Este é o desafio da morte de Cristo. Assim o centurião, alguém que chegou no último momento – poderia ser alguém que durante toda a Via Sacra pensou em outras coisas – , vendo esse homem morrer assim, diz: «Na verdade, este homem era Filho de Deus».⁶⁵

Conclusão

Ao final desta Via Sacra, estou aqui como uma pergunta no coração: quem nos trouxe aqui, de novo hoje? Quem nos tornou um espetáculo assim, também para nós mesmos, de novo hoje? Quem nos torna tão unidos há dois mil anos? Nunca vamos terminar de conhecer até o fundo a resposta, mas a primeira semente que se vê despontar é com certeza uma semente de felicidade. É este o desejo que lhes faço: deixem crescer essa pequena semente que começou a despontar na vida de vocês. Não temam se o mundo parecer ir para outro lado, não temam se a sua vida parece ir para outro lado. Essa semente existe, continua crescendo há dois mil anos e alcançou também o seu coração. Nos tempos e nas maneiras que Deus quiser, vai tornar-se a alegria da sua vida.

Esta é a ressurreição de Cristo: uma semente que há dois mil anos arrebentou as pedras daquele sepulcro e chegou hoje até nós.

⁶³ Cf. Lc 23,41-42.

⁶⁴ Mc 15,33.

⁶⁵ Mc 15,39.

Testemunho de Rose Busingye*
31 de março, sábado de manhã

Barco negro

Pigi Banna. Vocês precisavam ver o rosto de vocês enquanto escutávamos *Barco negro*.⁶⁶ Seus rostos, nestes dias, me lembravam de modo muito bonito, muito vivo, os rostos de Pedro e João representados no Cartaz.⁶⁷ Olhem para os olhos deles: podem encontrar muito do que vocês viveram. Agora algo se acendeu, algo começou a acontecer no coração de vocês. É verdade: dói; é verdade: você se esquece; é verdade: você pode reprimi-lo. Mas existe, existe! Algo se acendeu! E quando todos dizem que acabou, que Jesus morreu, os olhos deles não podem acreditar: vive, deve estar lá e correm ao sepulcro para entender o que aconteceu. Também para vocês abre-se esta questão: dar mais crédito a seus corações ou ao medo de quem diz que está tudo acabado.

Angelus

Vi no Instagram o que vocês escreveram sobre as Laudes. Alguns pensam que é apenas uma coisa muito chata! Mas aceito o desafio! Houve quem, já nas Laudes, levantou-se e saiu para fazer uma pausa. Pior para ele! Quem faz as coisas pela metade, sempre entenderá tudo pela metade. Tentemos recitar essas Laudes não como velhas lamuriosas, mas como homens que querem acordar; não como quem já sabe o que vai acontecer, mas como quem espera uma palavra. Vamos rezar, por exemplo: «Porventura pode uma mulher esquecer-se de seu bebê?»⁶⁸ Infelizmente no mundo de hoje isso acontece, às vezes a mãe mata-o antes mesmo de nascer, no entanto, há alguém que não se esquece de nós. Então, não como velhas, mas que a nossa oração seja como o vagido do recém-nascido, que chora porque diz: «Eu existo, estou neste mundo! E sou desejado!» Tentemos ficar, tentemos externar, como o choro do recém-nascido, o nosso grito.

Laudes

*Be thou my vision*⁶⁹
La canzone della Bassa

Alberto Bonfanti. Em primeiro lugar quero fazer um agradecimento sincero a cada um de vocês pelo modo como me ajudaram a viver o Tríduo Pascal, a ir atrás pessoalmente da Cruz de Cristo, a «me perceber indo atrás de um Outro», como disse ontem à noite uma amiga. Vivemos um gesto. Não apenas escutamos as palavras e os cantos, mas as palavras, os cantos, o caminho atrás da Cruz, a conversa entre nós foram gestos de amizade recíproca, nos quais cada um foi protagonista na medida da participação do seu coração, porque o seu coração era chamado em causa como nunca diante da proposta destes dias. Ontem, um de vocês disse: «Curti o presente. Curti o que aconteceu pela primeira vez sem pensar no depois, sem pensar no que acontecerá amanhã, em quanto ou como conseguirei aplicar na minha vida o que ouvi de verdadeiro nestes dias». Pulei da cadeira quando ouvi essa afirmação. O que permitiu isso? Esta é a pergunta mais verdadeira diante do que vivemos. O que permitiu ao nosso amigo saborear o presente? O que permitiu a muitos de nós

* Rose Busingye, nascida em 1968 em Kampala (Uganda), onde vive até hoje, é enfermeira profissional especializada em doenças infecciosas; desde 1992 exerce sua atividade com pacientes infectados pelo vírus HIV e por outras doenças infecciosas. É o coração do *International Meeting Point* de Kampala.

⁶⁶ «Dizem as velhas da praia que não voltas. / São loucas! São loucas! // Eu sei, meu amor, que nem chegaste a partir / pois tudo em meu redor me diz qu'estás sempre comigo» (A. Rodrigues, “*Barco negro*”, in *Cantos*, op. cit., pp. 360).

⁶⁷ E. Burnand, *Os discípulos Pedro e João correndo ao sepulcro na manhã da Ressurreição*, 1898. Paris, Museu d’Orsay.

⁶⁸ Is 49,15.

⁶⁹ “Be thou my vision”, antigo hino tradicional irlandês.

saborear o que acontecia, enquanto acontecia? É uma pergunta tão grande que não podemos nos contentar com respostas formais, parciais. Muitos de nós podem assinar, inclusive eu, essa afirmação, não apenas por causa do que vocês disseram nas Assembleias, que tiveram tanta participação – numa Assembleia minha, pela primeira vez uma pessoa disse: «Já terminou?», normalmente, depois de uma hora, alguém diz: «A reunião precisa ser um pouco mais curta!» –, mas pela inclinação com a qual vivemos, com a qual vocês viveram, pela paixão com que os cantos foram feitos, pela paixão com que fomos recebidos na quinta-feira à noite, ontem de manhã e esta manhã pelos amigos que tocaram para nós para nos acolher. Percebe-se o prazer de muitos, também no serviço alegre e atento de todos os amigos do serviço de ordem, pela atenção real e não disciplinar – até porque agora, graças a Deus, vocês não conseguem mais ter uma atenção disciplinar – com a qual acompanharam as meditações, os cantos, a Via Sacra; atenção que comoveu também muitos adultos (e não é fácil comover os adultos), atenção visível nos olhos, que eram como os olhos de Pedro e João, mais nos olhos do que nas palavras de vocês. «O que permitiu tudo isso?»: esta é a pergunta fundamental, decisiva, que cada um de nós deve levar no coração e da qual emergem também todas as outras perguntas que vocês enviaram, todas perguntas que demonstram mais uma vez a atenção de vocês e a pertinência da proposta que nos foi feita; são todas perguntas que devem ser conservadas, porque são a brecha através da qual Deus, este Tu que enche o nosso coração com a Sua ausência, quer entrar no nosso coração. «O que permitiu tudo isso?»: somente estando diante desta pergunta com todo nós mesmos poderemos encontrar resposta a todas as outras questões dentro da nossa experiência e não como uma explicação lógica com a qual – mais frequentemente os adultos, mas um pouco, todos – tentamos «abafar» as perguntas mais verdadeiras, quase como se fôssemos como Aristóteles, o cachorro do Pigi. Entre todas as questões que emergiram e que vocês enviaram, seguramente a mais decisiva é a falta que cada um de nós sente. Um amigo de Milão formulou assim essa questão, que apareceu em muitos: «Como faço para ver a minha falha como um recurso e não como uma condenação?» Cada um de nós, estando diante da pergunta «O que estes dias nos permitiram saborear no presente?», pode encontrar não uma resposta lógica, mas identificar um caminho sobre o qual caminhar para viver esse relacionamento dramático com o nosso coração.

É a mesma pergunta que queremos fazer à nossa amiga Rose, que veio de Uganda especialmente para nos contar a sua experiência.

Mas, antes, gostaria de ler a contribuição que também este ano não podia deixar de nos enviar nosso amigo Julián Carrón, para que cada um de nós possa julgar a pertinência do que ele nos diz àquilo que vivemos nestes dias e que Rose nos testemunhará com a própria vida, às perguntas mais verdadeiras que emergiram diante da proposta que vivemos nestes dias. «Caros amigos, não consigo pensar em vocês sem me comover, identificando-me com o momento tão belo e dramático que estão atravessando em sua idade. Gostaria muito de estar perto de vocês! É um período em que vem à tona “o mistério eterno do nosso ser” de que fala Leopardi. Sei que às vezes o aparecimento, na vida de vocês, deste grande mistério os desconcerta porque os domina por todos os lados, e é tão imenso que não podem controlá-lo. “Quem és Tu que preenches o meu coração com Tua ausência?”, diz Lagerkvist. Mas justamente a possibilidade de perceber essa ausência, esse “mistério do nosso ser”, é o recurso mais importante que vocês receberam, como um presente à sua natureza de homens: o detector para descobrir o que responde verdadeiramente à espera de vocês. Ernesto Sabato entendeu bem: “a saudade deste absoluto é como o pano de fundo, invisível, inescrutável, mas com o qual confrontamos toda a vida”. Fico sempre maravilhado quando penso que Jesus apostou tudo no coração dos dois primeiros que encontrou às margens do Jordão, no coração como critério de juízo: “Vinde e vede”. Dizendo isso a eles, Jesus reconheceu que tinham a capacidade de interceptar o que respondia ao seu desejo infinito de felicidade, tornando-os conscientes de sua dignidade. Ao mesmo tempo, colocou-os diante de um desafio sem precedentes: não podiam blefar. Nem com seu coração, nem com o que lhes correspondia depois de o terem encontrado. Convidando-os a ir com Ele, ofereceu a João e André a possibilidade de descobrir o alcance da Sua amizade, tão decisiva para alcançar a felicidade que buscavam, sem substituir-se à liberdade deles. Pelo contrário, desafiando-a como nenhum outro poderia fazer, tanto a atração da Sua presença compelia o coração deles. Desafio-os a encontrar uma aventura mais fascinante do

que essa! Boa Páscoa. Seu companheiro de caminho, Julián».

Agora, todos queremos escutar a experiência e o testemunho da nossa amiga Rose.

Rose Busingye. Bom dia a todos! O meu italiano não é perfeito, porém, meu coração arde, tenho vontade de chorar olhando para seus rostos. Como diz Julián: os conceitos se tornam carne e sangue, Cristo. Vendo cada um de vocês, seus rostos, tenho certeza de uma coisa: há uma mão que O traz a nós agora. Vendo essa multidão – não sabia que encontraria tudo isso – poderia me assustar. Mas esta mão que O traz a nós agora – que se torna Sua carne e Seu sangue que corre em nossas veias, que nos dá a vida – nos torna uma coisa só. Eu me envergonharia de estar aqui para dizer apenas palavras, porém Ele está aqui. Foi justamente isso o que me comoveu porque na idade de vocês, acho que tinha doze anos, «encontrei» esta palavra: Ele se fez carne. Porque quando encontrei o Movimento eu realmente não sabia o que era CL, porém, lendo que Deus se fez carne corri até o padre do Movimento e perguntei: «Esta carne tem a ver com a minha carne?», e ele me respondeu: «Sim, porque Deus veio por você e por mim que somos incapazes, frágeis, nada. Porque se fôssemos capazes, nos tornaríamos o próprio Deus e não teria sido importante para Deus descer à Terra». Para mim, a partir daquele momento a vida começou a ser interessante, e Deus também. Porque antes pensava que Deus era para os homens que são capazes, como minha mãe, que me convidava para rezar o terço à noite e eu dormia e ela me acordava no «Pai Nosso» e eu dizia: «Ave Maria». Então, pensava: «Eu não tenho espaço no coração de Deus», só há espaço para meus irmãos e para minha mãe. Assim, vivi pensando que não era digna do coração de Deus porque Deus era tão puro e uma pessoa como eu não tinha nenhuma possibilidade de alcançá-lo. Que Deus se tornasse carne da minha carne parecia-me quase uma blasfêmia. Eu sabia quem era. Entrar no coração de Deus parecia-me uma coisa do outro mundo.

Aos dezenove anos quis encontrar Dom Giussani porque naquele momento parecia realmente que a vida se tornava interessante, Deus se tornava interessante também para mim, enquanto antes Ele era da minha mãe e dos meus irmãos. Quando encontrei Dom Gius e lhe falei do meu nada, tinha acabado de ler uma entrevista dele sobre os *Memoires Domini* onde a primeira frase era: «Aqueles que vivem a presença de Cristo em todos os aspectos de suas vidas». Diacho, disse a mim mesma, também no meu nada! Voltei para a escola, estudei. Tinha um fogo aceso que ninguém podia apagar, então fui a um padre e disse: «Posso ir à casa de Dom Giussani?» e ele me deixou ir. Eu pensava: «Jesus, quero somente a Ti». E fui encontrar-me com Dom Giussani. Quando cheguei, ele me perguntou: «Você ama Jesus?» Eu disse: «Sim, sim, O amo». «Quer dar-Lhe a sua vida?» Eu disse: «Não». E ele me perguntou: «Por quê?» Eu disse: «Olha, Dom Gius, eu não tenho nada na vida para dar a Jesus, mas quero que Ele tome até o nada que sou». Ele bateu com o punho na mesa e disse: «Diga isso a todos, sempre! Diga a todos porque todos pensam que dão algo importante a Jesus e, assim, durante toda a vida é como se a pessoa esperasse a recompensa, mas é Ele que toma uma coisa que era nada e a salva». Então, comecei a falar da minha vida e ele me disse: «Olha, Rose, mesmo que você fosse o único homem sobre a terra, Deus teria vindo por você, por este único homem». Depois, parou por um momento, e disse: «Não, veio por você porque diante de Deus cada homem é único, é como um primogênito, um filho único. Veio por você. Morreu por você para que o seu nada não se perca e estará com você todos os dias até o fim do mundo». Para mim, foi aí que as coisas deram uma reviravolta. Minha vida foi como..., em inglês se diz *upside down* (virada de cabeça para baixo, invertida), totalmente, até no modo de pensar todas as coisas: o modo de pensar o beber, o comer, o modo de pensar nos amigos. Foi exatamente aí que minha vida ganhou uma dignidade, uma beleza, como dizia Dom Giussani, com B maiúsculo. Foi então que todas as coisas ganharam um valor, uma densidade, como se Deus tivesse dito: «Você é minha». Dom Gius não me conhecia, era a primeira vez que me encontrava, e eu pensava: o que será que viu em mim? Era evidente que eu ainda era nada, porém senti-me abraçada e querida. Era como se seu olhar me dissesse: «Quero estar com você. Você tem um valor infinito». A partir daquele olhar, nasceu tudo. Naquele olhar, de fato, descobri que não sou definida pelos meus limites, mas pelo relacionamento pessoal com o qual Deus me faz ser e me constitui como desejo infinito d'Ele.

Naquele olhar o pertencer a Cristo e à Igreja tornou-se a experiência de um laço que me define para sempre e que se manifesta em tudo o que sou e faço. Comecei a entrever um significado para a minha vida.

Foi como se uma luz iluminasse tudo. Comecei a descobrir a verdade da minha vida e, daí, começou uma atração, uma ternura pela minha própria vida e pela vida dos outros. Comecei a viver. Comecei a viver e a trabalhar verdadeiramente porque soube responder concretamente à pergunta: «De quem sou?» Esta pergunta teve como resposta rostos precisos, com nome e sobrenome. Tornei-me livre. Paradoxalmente, tornei-me livre pertencendo, tendo um laço. Quando você é livre, finalmente pode estar diante de toda a realidade sem medo, pode enfrentar tudo porque sabe de quem é. Quem é livre não tem mais pretensão em relação aos outros, porque já tem tudo. Senti-me livre, grande e protagonista da realidade porque Dom Gius me revelou quem sou. Com seu olhar estabeleceu o conteúdo e o método do meu trabalho: comunicar a comoção pela grandeza infinita da existência de cada um e oferecer a mesma companhia ao destino que abraça a minha vida.

Meu trabalho, agora, é deixar que venha à tona, que fique claro o valor do indivíduo, assim, posso oferecer uma amizade pontual à qual todos podem pertencer porque o eu que pertence, quando tem um laço, quando tem um rosto para olhar, quando adquire uma consciência unificante de si e da realidade torna-se protagonista. Se você se torna o senhor da realidade não é porque possui a realidade, mas porque reconhece que depende de um Outro e de um desígnio que não é seu.

Ontem, um de vocês me fez uma pergunta. Para mim, foi como um despertar, e conto porquê. Certa vez, levei meus meninos, que tinham a idade de vocês (cerca de sessenta), para fazer um safari. Não pensem que nós, quando saímos do quarto, encontramos um elefante ou um leão. Nós também saímos à procura deles! Assim, partimos (uma viagem de oito horas) em busca dos leões e dos elefantes e, finalmente, os encontramos. Eu estava muito feliz porque vimos muitos leões, elefantes, girafas, então pensei: «Missão cumprida!» Na volta, uma menina, Michelle, começou a chorar; chorou no ônibus durante toda a viagem de volta. Eu perguntei: «Você está com fome?», «Não», «Alguém morreu?», «Não», «Está doente?», «Não. Estou triste. Estou vendo que vocês estão felizes, mas eu estou triste». Parecia mesmo deprimida. No entanto, eu tinha preparado tudo para que todos ficassem felizes. Ela chorou durante toda a noite, não dormiu. Então, eu me afastei e liguei para Carrón: «Olha, preparei tudo, vimos elefantes, leões, vimos tudo, mas uma menina está chorando». E ele me disse: «Será que você queria preencher o coração da garota com um elefante? Um elefante é grande, mas nem um elefante pode matar a sede do nosso coração». De fato, é por isso que onde trabalho usamos a imagem de Matisse, o Ícaro. Queria que todas as pessoas que chegassem pudessem olhar para o coração vermelho, um ponto pequeno, um pontinho que quase parece nada, porém, como os professores de vocês devem ter explicado, é o ponto que exalta o quadro, representa um ponto dentro do homem; o homem seria nada: eu que pareço nada diante da minha pobreza, o homem diante da sua doença – como a que temos na África, mas vocês também a têm aqui –, diante da nossa mesquinhez, diante do nosso nada. No entanto, aquele ponto, aquele pontinho que parece um sopro, ao qual não prestamos atenção, é indelével, assim como quem nos atrai para dentro d’Ele.

Assim, vi acontecer com os outros o que aconteceu comigo. Por exemplo, havia uma mulher que fugiu dos rebeldes e veio até nós desfigurada física e emocionalmente pela violência que sofreu. Reencontrou a si mesma quando eu lhe disse: «Você não é o horror que te aconteceu. Você tem um valor infinito que vem de Deus, que te faz existir e te ama». Um dia, hospedamos onze jovens da Alemanha com seus três professores. Preparamos um momento de testemunhos e danças. Eu trabalho na lama, nos lugares mais pobres da cidade e, naquela manhã, um professor vestiu uma camisa de linho branca. Eu olhei para ele e disse: «Meu Deus!» Quando chegamos ao local onde as mulheres estavam (depois gostaria de lhes mostrar o vídeo), elas puxaram todos para dançar; era uma dança com tambor, e o professor, esquecendo-se de suas vestes elegantes, deixou-se envolver pela onda de dança e música. Depois, suados, todos saíram e sentaram-se, e as mulheres começaram a dar seus testemunhos, falando de si mesmas. Tínhamos quase terminado quando uma mulher, Tina, outra de minhas pacientes (trabalho com doentes de AIDS e seus filhos), que não devia falar, a um certo ponto, se levantou – uma mulher pequena assim – e, andando diretamente até esse professor elegante, lhe disse: «*Excuse me, Sir, are you free?*» E ele – se via que não tinha entendido – olhou em volta, mas ela insistiu: «O senhor é livre?» E ela, quase como desafiando, afirmou: «Eu, sim, sim». E ela disse: «Olha, meu marido morreu de AIDS há dois meses. Eu também estou doente. Vou morrer logo. Está vendo?

Os medicamentos não estão funcionando», e mostrava as feridas de seu corpo, «mas eu sou livre, eu sou livre!» Parecia estar brincando, mas não podia ser uma brincadeira vendo como ela mostrava suas feridas. E continuou: «Meu filho foi aos Exercícios do Carrón, e Carrón disse a ele que eu sou a morada onde Deus habita. Esta é a minha identidade. Eu sou livre, eu sou livre, eu sou livre, e o senhor, é livre?» Eu participei daqueles Exercícios e eu e o Nacho tentávamos traduzi-los para o inglês. Olhando para ela, eu disse a mim mesma: «Ela chegou antes de mim!» Que raiva... O senhor alemão pode não ter entendido, na verdade não entendeu o que ela disse, mas aquela pergunta era dirigida a mim. Naquela manhã tinha ido à missa, tinha feito silêncio, tinha traduzido aquelas palavras em inglês, mas como é possível que essa pequena mulher, doente, que dorme numa esteira, no chão, come uma vez por dia, como é possível que ela tenha chegado antes de mim? Era justamente essa liberdade, essa identidade onde o Mistério habita que queria para mim naquele momento, porque o Mistério, como diz Carrón, é o que torna o homem, homem. Somos homens, mas mais homens porque é Ele que nos faz. Naquela manhã gostaria de ter sido eu a chegar primeiro.

Onde moro, antes da descoberta do valor de suas vidas, minhas mulheres não tomavam os remédios, diziam: “No fim, a vida é inútil. Porque devemos nos tratar?” Tinham AIDS e deixavam os dias correr. Eu comprava os remédios, e os encontrava em cima da mesa. Mas tendo descoberto o valor de suas vidas, os jovens e os adultos para os quais a vida não tinha sentido agora sabem que sua existência e a de todos tem uma grandeza infinita e estão ligados para sempre a uma companhia que os ajuda a viver à altura dessa dignidade.

O que faço, não é um adendo à minha vocação de *Memores*, mas vem do fato de que eu sou afetivamente realizada. O que dou aos outros é a superabundância do meu relacionamento com Cristo em um lugar preciso. É um florescimento da minha vocação, é a abundância da plenitude do meu pertencer aos *Memores Domini*, a descoberta de uma paternidade em ação dentro das coisas que acontecem no meu dia, na minha vida.

Uma vez, Dom Giusani me disse: «Se o seu relacionamento com Cristo é verdadeiro, se você é verdadeira, seu trabalho brotará até das pedras. Podem prender você em uma cela, mas se você é verdadeira com Ele, até as pedras começarão a cantar». E acrescentou: «Mas se a pessoa não pertence, enche o seu vazio com um fazer, o vazio que nunca conseguiu preencher. Preenche sua afetividade não realizada com um fazer, mas, depois, este homem se torna um conjunto de reações. A atração original decaiu em uma estranheza, em orgulho, em uma pretensão de medir as coisas, mas isso o deixa na confusão e na insegurança. Perde o valor de si e de todas as outras coisas, assim, a sua personalidade entra em crise». Depois, segurou a minha mão e disse: «Sabe, Rose, a novidade do mundo acontece se o homem pertence, porque no pertencer tudo muda. Disso nasce uma sociedade, uma civilização nova».

Eu poderia terminar aqui, porque tudo está aqui, mas quero dizer outra coisa, pequena. Na vida, não basta uma investigação existencial, um medir-se, não basta nem mesmo uma reação instintiva, porque isso não nos faz sair da confusão que caracteriza os nossos dias e não faz emergir o meu rosto, o rosto de vocês. Aquele pontinho do qual falávamos, o coração de Ícaro, é como um grãozinho, é como poeira, pequeno, aquele pontinho vermelho do Ícaro, este nada que eu sou não consegue ser si mesmo sem pertencer. Sem pertencer, nos agarramos aqui e ali ao que acontece, àquilo que conseguimos entender, mas, com o tempo, como diz Carrón, deixa um sabor amargo na boca.

Um dia, estava viajando para Madri para dar testemunho em um Dia de Início de Ano: «Viver intensamente o real». Fui à embaixada italiana, e me deram o visto de entrada. Meus amigos tinham reservado minha passagem: de Uganda a Amsterdã, de Amsterdã ao aeroporto de Malpensa, de Malpensa a Paris, de Paris a Madri. Estava irritadíssima, irritadíssima! Vocês já ficaram irritados? Tudo me incomodava. Não queria estar com ninguém, estava encolhida. De manhã bem cedo fazia frio em Malpensa, eu estava jogando no celular e pensei: «Vou ver se Carrón está acordado». Telefonei. Ele atendeu: «Como vai? ». Eu respondi: «Estou irritadíssima. Tudo me incomoda. Estou confusa». E continuei: «Você nos disse no Dia de Início de Ano: “viver intensamente o real”, mas o que estou vivendo neste momento? ». Ele respondeu: «Olhe a realidade com os olhos de Cristo». E eu: «Disse que estou com raiva. Tudo o que passa na minha frente me incomoda. Não estou olhando a realidade, talvez Ele a esteja olhando, mas eu não». E ele: «De

fato. Os olhos de Cristo que olham a realidade estão olhando também para você». «Diacho! ». Sabem como é quando acendem a luz? Levantei e disse: «Agora acabei de viver intensamente o real», mesmo estando naquela situação, irritada. Não sou eu que olho a realidade com os olhos de Cristo, basta reconhecer que os olhos de Cristo que olha a realidade, estão olhando também para mim. Depois dessa descoberta entrei no avião para Paris como uma princesa. Obrigada.

Banna. Obrigado, Rose! Vocês fazem bem em aplaudir também quando vocês se enquadram, porque cada um de vocês tem um coração grande como o da Rose. Mesmo que às vezes não pareça verdade, mesmo se às vezes pareça doer, para todos é possível viver como ela, com um coração grande como o da Rose. Carrón nos escreveu em sua mensagem: cada um de nós carrega um detector, o coração. É por causa desse coração que a pessoa lê um artigo e vai falar sobre ele com o amigo; está irritado e liga para pedir ajuda; descobre uma coisa e vai perguntar, descobre que é um nada e pergunta: «Há alguém que toma o nada que eu sou?»

Graças à Rose entendemos o que significa usar o coração e não blefar. Se alguém está irritado, diz: «Estou irritado», não tem medo de dizê-lo. Se alguém viu os elefantes e está triste, não tem medo de dizê-lo. Olhem mais uma vez para os olhos de Pedro e João: correm, correm ao sepulcro porque uma mulher lhes disse: «O túmulo está vazio», e eles querem ir ver.

Muitos de vocês nos testemunham o que significa usar o coração. Os amigos do Marche, por exemplo, prepararam uma noite em que cada um trouxe o que mais lhe apaixonava: uma peça de rap, um quadro, uma poesia. Todos passaram a noite ouvindo em silêncio. Há um lugar, e é este, no qual a pessoa pode deixar vir à tona o coração, aquele quase nada, aquele pontinho vermelho do *Ícaro* de Matisse, que é a nossa grandeza. E não há muitos lugares neste mundo onde se pode mostrar o coração sem blefar.

Conhecemos nossas objeções: «Sim, mas dói, por que você diz que o coração é um recurso?»; «porém estou sozinho, abandonado, sou Calimero, sou pequeno e negro». Tudo bem, tudo bem! Mas, não importa a nossa objeção, não podemos apagar nosso coração! Ou preferem viver como amebas? Não podemos apagá-lo, não podemos apagá-lo! Este é o fato mais extraordinário: ele existe, existe! Por mais que tentemos apagá-lo, existe. E existe também um lugar que fez você olhar como Pedro e João, você não pode mais esquecer, existe! Esta lealdade com seu coração, para ver e para descobrir, é a primeira grande coisa que desejo a vocês.

A segunda coisa, o segundo grande voto que faço a vocês para a Páscoa retoma o que a Rose dizia sobre o pertencer. Dissemos isso de muitas maneiras nestes dias: qual é o risco? Que se a pessoa não entende, quando tem medo do coração, foge. Vamos assistir a um vídeo das mulheres de Rose.

[projeção do vídeo das mulheres de Rose]

Busingye. A mulher dizia que, quando os seus a abandonaram, ela pensava que ninguém mais a abraçaria, mas quando chegou, alguém lhe disse: «Bem-vinda. Sinta-se em casa. Você tem um valor infinito». Mas ela não acreditava, e dizia: «Até os meus parentes me abandonaram. Quem são estes que podem me abraçar?». Agora, no entanto, nem parece doente. Quando chegou, recomeçou, como um avião que decola, agora é ela que recebe as pessoas e dá testemunho sobre como era antes. E fala de si mesma, que é maior que a doença, que é maior que o vírus, mais, diz que seu valor expulsou o vírus, o esmagou.

Banna. Pensem que vocês também, assim como essa mulher, podem olhar desse modo para seu professor de matemática e dizer a ele: «Posso ter tirado quatro, mas posso dizer, por causa do que vivi, que você também tem um valor. Não se preocupe, você não se reduz a um pobre professor de matemática, há uma esperança também para você que vem do que eu encontrei». O que nos pode fazer olhar assim para os nossos colegas, os nossos professores e os nossos pais, como essa mulher olhou para o professor alemão?

Busingye. Essas mulheres gostariam que seus filhos, aprendendo matemática, aprendendo história, descobrissem seu valor, e diziam: «Nossos filhos frequentam a escola, mas não descobrem o que nós

descobrimos». Então, um dia me disseram: «Queremos uma escola para os nossos filhos». Respondi: «Olhem, se eu for construir algo, será uma clínica ou um hospital». E elas: «Não, você vai educar um médico, educará também uma enfermeira, queremos uma escola». E eu: «Não, não tenho dinheiro». E elas: «Tudo bem, não se preocupe». Começaram a quebrar pedras e a fazer colares. A AVSI nos ajudou, venderam quarenta e oito mil colares aqui na Itália e construíram a primeira parte da escola. Elas me disseram: «Queremos que os nossos filhos, aprendendo matemática, descubram o seu valor». Eu disse: «Quem vai conseguir?» Mas, aos poucos, vemos que está funcionando. Agora, temos seiscentos jovens com a idade de vocês no segundo grau, e outros quatrocentos e cinquenta no ensino fundamental.

Banna. Há uma esperança para todos! Se alguém leva a sério o próprio coração, descobre pessoas com quem pode construir algo de novo, não porque se torna mais hábil. A pessoa continua doente, pobre, mas se coloca aquele pouco, aquele nada que tem, poderá descobrir que o pouco ou nada que tem, tem um valor infinito. Na verdade, todos nós que estamos aqui, podemos viver a verdadeira escola nova, a verdadeira esperança para a nossa vida e de nossos companheiros, porque, como dizia a Rose antes, quando a pessoa encontra um lugar ao qual pertence, então se torna livre. Também para Pedro e João a vida foi transformada por esse pertencer. Em relação a isso, fiquei impressionado quando reli um episódio dos Atos dos Apóstolos⁷⁰ no qual Pedro e João, depois da ressurreição de Jesus, encontram um pobre aleijado sentado no chão, e olham para ele. O homem espera que lhe deem dinheiro porque olham-no como se quisessem fazer alguma coisa por ele e, no entanto, assim como Rose, dizem: «Somos pobres como você, não podemos lhe dar nada». Da mesma forma, vamos encontrar nossos companheiros e nossos pais e diremos: «Não é que depois de três dias de Tríduo eu sou melhor do que você, sou pobre como você, porém tenho algo a lhe dizer (a mesma coisa que Pedro disse ao pobre coitado): “Vem conosco, em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda, levanta e vem comigo”». ⁷¹ É isso o que vocês podem dizer a todos. Como as mulheres de Rose disseram ao professor alemão, vocês podem dizê-lo aos seus professores e a seus amigos: «Eu sou pior do que você, mas encontrei um lugar que pode te ajudar. Levante e ande». Usando o coração, podemos descobrir um lugar assim, que nos torna livres, livres para ir ao encontro de tudo e de todos, para o qual podemos convidar todos porque há uma riqueza que escancara as portas, arrebenta os sepulcros. É o poder de Cristo Ressuscitado.

Enquanto ouvia a Rose falar do pertencer que liberta, pensava no fato de que cada um de nós deve responder à pergunta: «De quem eu sou?» Quando souberem quem são, não se tornarão melhores, mas quando responderem à pergunta «De quem eu sou?», poderão conquistar o mundo. Na Sicília (minha terra natal) há uma expressão usada quando você está numa discussão acalorada e precisa se afirmar: «Você sabe quem eu sou?», como dizendo: «Você não sabe com quem está falando. É bom me respeitar”. Esta é, de algum modo, a postura com a qual normalmente nos tratamos: «Você não sabe quem eu sou!» Fique no seu lugar, você tem dezenove anos, não pode entrar para o Grupo Adulto – diziam a Rose; fique no seu lugar: você tem muitos problemas psicológicos – dizem os adultos; fique no seu lugar: você vai mal na escola; fique no seu lugar: você é feio como o diabo; fique no seu lugar porque você não sabe quem eu sou.

Acho que essa atitude é bastante comum. A Ressurreição dá uma resposta a essa mentalidade: embora seja uma nulidade, cheio de problemas e vá mal na escola, apesar disso, você pode levantar a cabeça e responder: «Você, no entanto, não sabe de Quem eu sou». Essa é a verdadeira novidade. Você acha que já sabe quem eu sou, mas não sabe de Quem eu sou. É este pertencer que dá riqueza, dá esperança, dá vida à

⁷⁰ Cf. At 3,3-8.12.15-16: «[Um homem, aleijado desde o nascimento, quando viu Pedro e João entrarem no templo, o homem pediu uma esmola. Pedro, com João, olhou bem para ele e disse: “Olha para nós!” O homem ficou olhando para eles, esperando receber alguma coisa. Pedro então disse: “Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda!” E tomando-o pela mão direita, Pedro o levantou. Na mesma hora, os pés e os tornozelos do homem ficaram firmes, ele saltou, ficou de pé e começou a andar. E entrou no templo junto com Pedro e João, andando, saltando e louvando a Deus. [...] Vendo isso, Pedro dirigiu-se ao povo: “Homens de Israel, por que estais admirando o que aconteceu? Por que ficais olhando para nós, como se tivéssemos feito este homem andar com nosso próprio poder ou piedade? [...] Aquele que conduz à vida, vós o matastes, mas Deus o ressuscitou dos mortos, e disto nós somos testemunhas. Graças à fé no nome de Jesus, este Nome acaba de fortalecer este homem que vedes e reconheceis. A fé que vem por meio de Jesus lhe deu perfeita saúde, à vista de todos vós.”]; cf. *Livrinho*, pp. 89-90.

⁷¹ Cf. *Livrinho*, pp. 89-90.

vida. Por isso, não me deixo dominar por você, mesmo que me chantageie com uma nota, mesmo que me chantageie com um beijo, mesmo que me chantageie com uma amizade, ainda assim, eu o desafio: «Você não sabe de Quem eu sou; venha comigo porque talvez você também precise de um pouco dessa liberdade».

Nossa vida continua e vocês sabem qual é a sua «desgraça»? Que continua. Vocês acham que termina aqui, mas estamos aqui há dois mil anos para não dar trégua ao coração de vocês. Nós continuamos existindo, e lhes dizendo: «Querem ser um dos nossos? Venham e vejam. Usem o coração e vejam se isso os torna mais livres».⁷² O desafio continua, e nós vamos continuar a não lhes dar trégua. Desde o dia em que ressuscitou, Cristo continua a fazê-lo. Por isso nos despedimos cantando *Cristo risusciti*.⁷³ É esta a vida que se manifestou, uma liberdade que deve ser levada a todo o mundo.

Cristo risusciti

Temos de voltar para casa. O coral nos preparou um presente. Esta manhã prepararam o *Regina Coeli*,⁷⁴ que a Igreja canta durante todo o período da Páscoa. A potência que expressa é a de quem vem para derrubar os muros nos quais nos isolamos e nos estende uma mão, como a Rose dizia.

Regina Coeli

Feliz Páscoa a vocês e às suas famílias, e bom retorno!

(© 2018 Fraternidade de Comunhão e Libertação)

⁷² Cf. Jo 1,39.

⁷³ G. Stefani; Anônimo, “Cristo risusciti”, in *Livrinho*, p. 91.

⁷⁴ “Regina Coeli”. In: *Cantos*, op. cit., p. 48-49.